

CONVERGÊNCIA

Julho/Agosto 2003 Ano XXXVIII nº 364

ISSN 0010-8162



- ◆ CRB, 50 anos a caminho - Testemunho, Profecia e Esperança
- ◆ Novas Vocações, para quê?
Para novas vocações, Vida Religiosa refundada
- ◆ O Batismo como fonte do dinamismo Missionário da Igreja
- ◆ Envelhecer, uma arte de bem-viver
- ◆ Sociedade e Vida Religiosa: desafios do trabalho



CRB

Sumário

EDITORIAL	321
PALAVRA DO PAPA	325
INFORME CRB	328
ARTIGOS	334
CRB, 50 anos a caminho	
Testemunho, Profecia e Esperança	334
Ir. MARIS BOLZAN, SDS	
Novas Vocações, para quê?	
Para novas vocações, Vida Religiosa refundada	339
MARIANO VARONA G., FMS	
O Batismo como fonte do dinamismo Missionário da Igreja	350
NEIVA LOBATO SAMPAIO, FMA	
Envelhecer, uma arte de bem-viver	364
BERNARDINO LEERS, OFM	
Sociedade e Vida Religiosa: desafios do trabalho	377
MARIA HELENA MORRA, RSCM	

A ilustração da capa da Convergência 2003 é uma cópia da obra EMAÚS - serigrafia, do artista sacro Cláudio Pasto. O quadro chama atenção para a centralidade do seguimento de Jesus na Vida Religiosa e para a celebração do Ano Vocacional.



CONVERGÊNCIA

Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil - CRB

ISSN 0010-8162

DIRETORA RESPONSÁVEL:

Ir. Maris Bolzan, SDS

REDATOR RESPONSÁVEL:

Pe. Marcos de Lima, SDB
(Reg. 12679/78)

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO:

Coordenadora:

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Conselho Editorial:

Ir. Romi Auth, FSP
Pe. Francisco Taborda, SJ
Pe. Jaldemir Vitorio, SJ
Pe. Cleto Caliman, SDB

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Rua Alcindo Guanabara, 24/4º andar
CEP 20038-900 - Rio de Janeiro - RJ

Tel. (21) 2240-7299

Fax (21) 2240-4486

E-mail: crb@crbnacional.org.br

PROJETO GRÁFICO E PRODUÇÃO:

LetraCapital Editora

Av. Rio Branco 257 - Salas 401/402
CEP 20040-009 - Rio de Janeiro - RJ

Tel. (21) 2215-3781

Fax (21) 2224-7071

E-mail: letracapital@letracapital.com.br

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do PDF sob o nº P. 209/73

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Assinatura

Brasil: R\$ 80,00

Anual

Exterior: US\$ 85.00 ou o correspondente em R\$ (Reais)

para 2003

Número avulsos: R\$ 8,00 ou US\$ 8.50.

“Compromisso-Profecia-Esperança”

IR. MARIA CARMELITA DE FREITAS, FI

É bastante conhecida a parábola da flauta mágica. Em resumo ela narra a aventura do caçador que domava as feras com ajuda de uma flauta mágica, para abatê-las sem problemas. A flauta possuía a propriedade de emitir melodias que enfeitiçavam as feras, fazendo-as bailar diante do predador, morrendo sem oferecer resistência. De certa feita, porém, um leão não obedeceu à música e devorou o caçador enquanto este tocava desesperadamente a sua flauta. O leão era surdo. Diante dele, a flauta perdeu a sua serventia.

Neste ano jubilar da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), a parábola da flauta mágica tem algo a nos dizer. Celebrar um Jubileu é, sem dúvida, fazer memória do caminho percorrido, das conquistas alcançadas, dos obstáculos superados, da história construída passo a passo com perseverança e audácia. Mas celebrar um Jubileu é também, e sobretudo, perscrutar o horizonte do futuro e abrir-se às novas interpelações da história.

É aqui que entra a parábola da flauta

mágica. Não se pode pretender abrir perspectivas de futuro, buscar novas respostas aos novos desafios da história, tratar de refundar a Vida Religiosa, com esquemas e estruturas de ontem, usando métodos e *ferramentas* que deram certo no passado e com os quais nos identificamos. As novas situações, criadas pelas transformações rápidas e de grande porte pelas quais a humanidade está passando, já não entendem o som das *nossas flautas*, pedem uma *nova música*, ou seja, outra linguagem e outra sensibilidade aos novos sinais dos tempos. Não ter em conta a inadequação das nossas respostas às novas situações históricas, é sucumbir ao risco do *leão surdo*, ou seja, ao risco de continuar falando uma linguagem obsoleta, ininteligível às mulheres e aos homens de hoje, é continuar sustentando estruturas, modos de proceder e fazer arcaicos, nas quais as pessoas já não conseguem captar um sentido plausível.

Nessa perspectiva, a parábola do *leão surdo* traz um questionamento importante para a Vida Religiosa na atual en-

cruzilhada histórica. Lembra que é indispensável saber contar com o *imprevisível*, com as *surpresas* do Espírito, com os novos sinais dos tempos, com o *diferente* que não cabe dentro dos esquemas e paradigmas de outro momento histórico. Significa que é preciso ser capaz de mudar, de se adaptar ao novo, de nos perguntar se a mensagem que estamos tentando passar é captada e assimilada pelos homens e mulheres de hoje. Significa ter a coragem de quebrar a *flauta mágica*, de renunciar às respostas que já não o são, às receitas prontas e vazias de sentido, admitindo humildemente que nada é definitivo para quem peregrina no tempo. Sem quebrar a *flauta mágica*, a imagem de seguimento de Jesus que projetamos carecerá de plausibilidade e não vencerá, porque já não será capaz de entrar em sintonia com as aspirações, alegrias, perplexidades e angústias, da humanidade hoje, especialmente da população jovem. Sem quebrar a *flauta mágica*, nossos símbolos e práticas continuarão a soar no deserto, nada significarão para a sociedade. Sem quebrar a *flauta mágica*, a Vida Religiosa acabará perdendo a força profética e audácia recriadora, sem condições de comprometer-se a fundo com o processo de re-fundação.

Mas, quebrar a *flauta mágica* é um processo de despojamento e de kénosis. Supõe deixar cair nossas supostas certezas e nossas pseudo-seguranças para entrar nos caminhos não trilhados do Espírito. Supõe acolher a Palavra re-criadora de Deus que "faz novas todas as coisas" para saber dizer aos nossos ir-

mãos e irmãos do século XXI uma palavra audível e confiável, uma palavra haurida na fonte da experiência de Deus – despojada e humilde, encarnada e libertadora -, uma palavra de alento para os pequenos e excluídos, uma palavra dita a partir da pluralidade de culturas, crenças, raças e etnias.

A celebração do Jubileu nos convoca a reassumir nosso compromisso em meio às perplexidades do momento histórico, de maneira criativa e dinâmica. Pede aos Religiosos e Religiosas a transparência do TESTEMUNHO, a audácia da PROFECIA, a firmeza da ESPERANÇA. Esta celebração e as pro-vocações que fazem emergir nada têm a ver com o mito da *flauta mágica*, nem com os engodos das fórmulas pré-fabricadas e das receitas prontas. São indicadores que apontam para o futuro, sem a pretensão de querer eliminar as surpresas nem suprimir os riscos do caminho.

COVERGÊNCIA quer ajudar a criar nas comunidades espaços de reflexão e busca, onde as inquietações, os desafios e as *utopias* do Ano Jubilar encontrem acolhida criativa e geradora de vida.

A mensagem de Irmã Maris Bolzan, Presidente da CRB, ocupa um lugar de destaque neste número da Revista. Através dela, Religiosos e Religiosas do Brasil somos convocados a viver intensamente o Ano Jubilar, a empenhar-nos com novo alento na vivência da nossa vocação na Igreja, a dar efetividade à missão profética no meio do mundo globalizado e fragmentado de hoje, a continuar alimentando o nosso compromisso na Palavra de Deus e na solidariedade com os excluídos.

O artigo de Mariano Varona – “Vocações novas para quê? A vocações novas, Vida Religiosa refundada” – é particularmente oportuno nessa conjuntura do Jubileu. Aborda questões extremamente pertinentes e pro-vocadoras, capazes de suscitar a reflexão, a oração e o debate sincero nas comunidades. No dizer do texto, mais que de crise de vocações, é preciso falar de crise de significado. A Vida Religiosa precisa manter acesa e interpelante a sua condição de sinal. Partindo dessas considerações, o autor usa a metáfora evangélica do “odre novo para vinho novo”, e apresenta cinco odres novos capazes de conter o vinho novo da refundação. São muitas as interrogações que o texto coloca. Tratar de responder a elas com a vida é urgente para que a Vida Religiosa não perca sua força convocatória no mundo de hoje.

Neiva Lobato Sampaio, FMA, no seu artigo – “O Batismo como fonte do dinamismo missionário da Igreja” – oferece às comunidades um excelente texto de caráter teológico-pastoral sobre a relação entre Batismo e dinamismo missionário. O texto situa-se no marco amplo das reflexões sobre a vocação cristã e a vocação à Vida Consagrada que se estão produzindo este ano na Igreja do Brasil como subsídios de reflexão e estudo do ano vocacional. A autora parte de algumas considerações sobre a compreensão do Batismo ao longo da história e sobre as reflexões atuais que focalizam o Batismo como “sacramento primordial”. A necessidade de cada batizado/a assumir o próprio Batismo é tratada com pertinência, lem-

brando que “para Jesus, o seu batismo foi uma manifestação de coragem e a expressão de deslocamento na direção dos mais pobres e dos mais excluídos... para anunciar a Boa Notícia aos pobres (Lc 4,18-19). O texto conclui tratando de projetar luz sobre uma questão muitas vezes presente na Vida Religiosa: “de acordo com os dons recebidos no Batismo, há uma única e verdadeira consagração. Então, por que falar em vida religiosa ou consagração religiosa? O artigo tem atualidade e mordência e pede uma reflexão séria por parte das comunidades.

Fr. Bernardino Leers, OFM, no seu artigo “Envelhecer, uma arte de bem viver”, focaliza com pertinência e sabedoria o tema da Campanha da Fraternidade de 2003, que precisa continuar sendo objeto de reflexão e estudo, para que se chegue a gestos concretos de caráter transformador na sociedade, na Igreja e na Vida Religiosa. O autor enfoca a questão a partir de diferentes ângulos. Lembrando a frase de Chesterton – “Quem quer ensinar inglês ao John, primeiro deve conhecer o John” insiste na importância de conhecer quem são os idosos antes de pensar em projetos e iniciativas para eles. Do ponto de vista da experiência humano-cristã, o autor afirma que na “época em que o ritmo do trabalho começa a regredir, o horizonte se abre para aprofundar mais a fé vivida, para crescer na confiança na estratégia misteriosa de Deus e de estender seu amor sobre o universo humano, cujo epicentro está na vitalidade comunicativa da Santíssima Trindade”. O artigo está escrito com pro-

funda riqueza sapiencial. Merece ser lido, meditado e aprofundado nas comunidades. Seu potencial transformador da ótica de pensar o processo de envelhecimento é uma autêntica provocação não só para Religiosas e Religiosos idosos, mas para todos, independentemente da etapa da vida em que se encontrem, “porque a arte de bem morrer é a arte criativa e operativa do bem viver”.

“Sociedade e Vida Religiosa: desafios do trabalho” – de Maria Helena Morra – é um texto interessante e sugestivo. Não há dúvida de que a questão que a autora desenvolve no artigo é de grande atualidade e pertinência, particular-

mente importante para a Vida Religiosa hoje. Partindo de algumas considerações de caráter histórico, a autora aborda a questão da relação trabalho-capital-globalização, lembrando que, “face à realidade atual, as questões se colocam principalmente no campo da justiça social e na concepção antropológica e cultural do trabalho”. O texto apresenta ainda algumas contribuições do Magistério da Igreja Católica e conclui levantando questões para a Vida Religiosa hoje, fazendo críticas pertinentes à maneira de se entender e viver o trabalho, e sugerindo mudanças capazes de levar a respostas mais adequadas a este desafio do mundo atual.

***“ não se pode estabelecer nem
consolidar senão no pleno respeito
da ordem instituída por Deus ”***



Mensagem do Santo Padre João Paulo II para 89° Dia Mundial dos migrantes e refugiados 2003

Por um empenho para vencer o racismo, a xenofobia e o nacionalismo exagerado

1. A migração tornou-se um vasto fenômeno no mundo contemporâneo e diz respeito a todas as nações, considerando tanto os países de onde se parte, como por onde se passa ou aonde se chega. Ela atinge milhões de seres humanos e apresenta um desafio que a Igreja peregrina, a serviço de toda a família humana, não pode deixar de enfrentar e assumir, no espírito evangélico da caridade universal. O Dia Mundial dos Migrantes e Refugiados, deste ano também, deveria constituir um tempo de especial oração pelas necessidades de todos aqueles que, por qualquer motivo, vivem longe da sua casa e da sua família; deveria ser um dia de séria reflexão sobre os deveres dos católicos em relação a estes irmãos e irmãs.

Entre as pessoas particularmente atingidas contam-se os estrangeiros mais vulneráveis: os migrantes desprovidos de

documentos, os refugiados, os que necessitam de asilo, os deslocados por causa de conflitos contínuos e violentos em muitas regiões do mundo e as vítimas – na maioria mulheres e crianças – do terrível crime do tráfico humano. Ainda recentemente, pudemos observar trágicos exemplos de movimentos forçados de pessoas, motivados por reivindicações étnicas e nacionalistas, que acrescentaram uma miséria indizível à vida de alguns grupos visados. Na base destas situações existem intenções e ações pecaminosas, contrárias ao Evangelho, que constituem um apelo dirigido aos cristãos em toda a parte, para que vençam o mal com o bem.

2. A pertença à comunidade católica não é determinada pela nacionalidade, nem pela origem social ou étnica, mas, de maneira essencial, pela fé em Jesus Cristo e pelo Batismo em nome da San-

tíssima Trindade. Hoje em dia, a formação «cosmopolita» do Povo de Deus é visível praticamente em cada uma das Igrejas particulares, isto porque a migração transformou mesmo as comunidades pequenas e, antes isoladas, em realidades pluralistas e interculturais. Lugares em que, até há pouco tempo, era raro ver um forasteiro, hoje são a casa de pessoas oriundas de diferentes partes do mundo. Por exemplo, na Eucaristia dominical é cada vez mais comum escutar a Boa Nova ser proclamada em línguas que antes não se ouviam, dando desta forma uma nova expressão à exortação do antigo Salmo: «Louvem o Senhor, todas as nações, glorifiquem-no todos os povos!» (Sl 116,1). Por conseguinte, estas comunidades têm novas oportunidades de viver a experiência da *catolicidade*, uma marca da Igreja que expressa a sua abertura essencial para tudo aquilo que é obra do Espírito em cada um dos povos.

A Igreja compreende que limitar a pertença a uma comunidade local, tendo como fundamento as características étnicas, ou outras de índole externa, resultaria num empobrecimento de todos os interessados e contradiria o direito básico do batizado ao culto e à participação na vida da comunidade. Além disso, se os recém-chegados se sentirem indesejados, ao se aproximarem de uma comunidade paroquial em particular, porque não falam a língua local ou não seguem os costumes do lugar, tornar-se-ão facilmente «ovelhas desgarradas». A perda destes «pequenos» por motivo de uma discriminação, mesmo latente, seria causa de gra-

ve preocupação tanto para os pastores como para os fiéis.

3. Isto faz-nos remontar a um tema que mencionei com frequência nas minhas *Mensagens para o Dia Mundial dos Migrantes e Refugiados*, nomeadamente, o dever cristão de acolher quem quer que venha bater à nossa porta por necessidade. Esta abertura edifica comunidades cristãs vibrantes, enriquecidas pelo Espírito mediante as dádivas que os novos discípulos lhes trazem das outras culturas. Esta expressão elementar do amor evangélico é, igualmente, a inspiração de inúmeros programas de solidariedade para com os migrantes e os refugiados em todas as partes do mundo. Para compreendermos a vastidão desta herança eclesial de serviço concreto aos imigrantes e às pessoas deslocadas, devemos apenas recordar-nos das conquistas e do legado de figuras como Santa Francisca Xavier Cabrini ou o Bispo D. João Baptista Scalabrini, ou ainda a vasta ação contemporânea da agência de socorro «*Cáritas*» e da Comissão Católica Internacional para as Migrações.

Com frequência, a solidariedade não chega facilmente. Ela exige treino e abandono das atitudes egoístas que, em muitas sociedades de hoje, se tornaram mais subtis e penetrantes. Para abordar este fenómeno, a Igreja possui vastos recursos educativos e formativos em todos os níveis. Por conseguinte, exorto os pais e os mestres a combaterem o racismo e a xenofobia, inculcando atitudes positivas fundamentadas na doutrina social católica.

4. Vivendo cada vez mais enraizados

em Cristo, os cristãos devem lutar para ultrapassar toda a tendência a concentrar-se em si mesmos, aprendendo a discernir nas pessoas de outras culturas a obra de Deus. Somente o amor evangélico autêntico será suficientemente vigoroso para ajudar as comunidades a passarem da mera tolerância, em relação aos outros, ao respeito verdadeiro às suas diferenças. Só a graça redentora de Cristo pode tornar-nos vitoriosos no desafio quotidiano de passar do egoísmo ao altruísmo, do medo à abertura e da rejeição à solidariedade.

Naturalmente, enquanto exorto os católicos a se excederem no espírito de solidariedade em relação aos recém-chegados no meio deles, convido também os imigrantes a reconhecerem o dever de honrar os países que os recebem e a respeitarem as leis, a cultura e as tradições dos povos que os acolheram. Somente desta forma prevalecerá a harmonia social.

Na realidade, o caminho para a autêntica aceitação dos imigrantes, na sua diversidade cultural, é difícil e, em alguns casos, uma verdadeira *Via-Sacra*. Mas isto não pode desanimar-nos de procurar a vontade de Deus, que deseja atrair todas as pessoas a si, em Cristo, através da instrumentalidade da sua Igreja, sacramento da unidade de toda a humanidade (cf. *Lumen Gentium*, 1).

Por vezes, este caminho tem necessidade de uma palavra profética que indique aquilo que é injusto e encoraje o que é correto. Quando surgem tensões, a credibilidade da Igreja, na sua

doutrina sobre o respeito fundamental devido a cada pessoa, depende da coragem moral dos pastores e dos fiéis de «apostar tudo na caridade» (cf. *Novo Millennio Ineunte*, 47).

5. É quase supérfluo dizer que as comunidades culturais mistas oferecem singulares oportunidades para aprofundar o dom da unidade com outras Igrejas cristãs e Comunidades eclesiais. Com efeito, muitas delas têm trabalhado no contexto das suas próprias comunidades e com a Igreja católica, com o objetivo de formar sociedades em que as culturas dos migrantes e as suas dádivas especiais são apreciadas com sinceridade e em que as manifestações de racismo, de xenofobia e de nacionalismo exasperado são profeticamente opostas.

Possa a nossa Mãe Maria Santíssima, que também experimentou a rejeição no momento específico em que estava prestes a dar o seu Filho ao mundo, ajudar a Igreja a ser o sinal e o instrumento da unidade das culturas e das nações numa única família. Oxalá Ela nos ajude a testemunhar com a nossa vida a Encarnação e a presença constante de Cristo que, através de nós, deseja continuar na história e no mundo a sua obra de libertação de todas as formas de discriminação, de rejeição e de marginalização. Que as abundantes bênçãos de Deus sejam derramadas sobre aqueles que recebem o estrangeiro em nome de Cristo.

Vaticano, 24 de outubro de 2002.

Joannes Paulus n. II

Informe CRB

1. XV Assembléia da CLAR

Mensagem Final

Na XV Assembléia da CLAR no México, de 24 de junho a 03 de julho e 2003, éramos 105 religiosas e religiosos das vinte e duas Conferências Nacionais da América Latina e do Caribe. Acompanharam-nos representantes da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica, do CELAM, da União de Conferências Europeias de Superiores Maiores, da União de Superiores Gerais, da Conferência da Espanha, Canadá e Estados Unidos. Contamos também com a valiosa presença da representante dos religiosos e religiosas afro-descendentes e da AMA – Solidariedade da Holanda.

Sentimos a alegria de partilhar nossos ideais de Vida Religiosa e de comprovar o que o Espírito está realizando no coração de todos e todas nós. Vivemos um ambiente de amizade, simplicidade, escuta, espontaneidade e abertura mútua que tornou a convivência muito agradável. A Conferência de Institutos Religiosos do México (CIRM), acolheu-nos com notória cordialidade e generosidade. Durante o desenvolvi-

mento de toda a Assembléia, contamos com a iluminação e o valioso aporte da Equipe de Teólogas e Teólogos da CLAR.

No final de nossa reunião, sentimos a necessidade de comunicar com alegria a todos os religiosos e religiosas da América Latina e Caribe o fruto de nossa reflexão e vivências que precisamos continuar em nossas comunidades.

Através dos informes das Conferências, percebemos a dor e a esperança que brota da realidade da América Latina e do Caribe. Realidade ambígua, tecida com sangue, sofrimento, morte e fecundada por muitas sementes de vida. Realidade construída por projetos de morte: neoliberalismo exacerbado, pobreza crescente, desigualdade, violência, insegurança, corrupção, impunidade e também por projetos de vida: clamor crescente que pede resgate urgente; solidariedades e presenças que optam pela vida.

Dentro desta realidade, quando olhamos a nós mesmas, percebemos também ambigüidades na Igreja e na Vida Religiosa. Somos parte de uma história na qual

“dois amores ou dois deuses construíram duas formas de viver no mundo: o amor a si mesmos até a justificação da dominação contra os outros e o amor aos outros até a doação de si mesmos” (Cf. Sto. Agostinho: Cidade de Deus).

Ao renovar a consciência da desumanização em nossos povos, sentimos a necessidade de acompanhar o significado desta realidade hoje. Temos consciência de que este é um momento crítico e complexo que requer discernimento e sabedoria, como nos tempos do Exílio da Babilônia. Queremos ser fiéis ao *Espírito* afirmando, renovando e replanejando nossas presenças e nossos estilos de vida. Fiéis a esse Espírito que suscitou as Cinco Linhas Inspiradoras do Caminho de Emaús, temos a certeza de que algo novo está nascendo e está sendo recriado nosso ser de discípulos/as de Jesus.

Conscientes de que toda experiência de discipulado implica permanentemente a dialética **entre experiência mística e profética**, quiséramos reavivar esta dialética em cada um e cada uma de nós, já que, por um lado, é a fonte de todo renascer da Vida Religiosa latino-americana e caribenha e, por outro, o encontro interpessoal com Jesus Cristo e a configuração com a prática dEle sintetizam e harmonizam nossa identidade de consagradas e consagrados.

Neste mesmo espírito, hoje Ele nos apressa a continuar dando passos, a reconciliar em nós a mística e o profetismo, na certeza de que só assim poderemos significar algo para este tempo e não nos diluiremos na insignificância histórica. De fato o tema de nossa

décima quinta Assembléia foi: ***Uma Vida Religiosa mística e profética. Renascer do Espírito.***

Para concretizar esta reconciliação entre mística e profetismo, vemos que é necessário habitar nossa casa e peregrinar pelos caminhos. Habitar nossa casa permanecendo profunda e longamente ao pé de nosso Mestre e assim, fecundados por Ele, sair pelos caminhos resituando-nos, com uma palavra nova, serena e forte, surgida das profundezas de nossa experiência. Assumimos este desafio convencidos de que não existe experiência mística sem sua expressão profética, nem profetismo sem seu fundamento místico e de que o profetismo deve ser experiência mística e a mística vai forjando profetas.

Queremos viver desde o Deus da Vida, que é o Deus da circularidade, o qual exige que nada esteja debaixo de nós nem tampouco por cima. O Deus que sonha e que nos dá a certeza de que outro mundo é possível. Viver desde o Deus da vida que se indigna ante a dor dos pobres e suscita em seus seguidores essa mesma indignação ética diante do sofrimento e não aceita nunca que se veja como natural ou insignificante o sofrimento dos de baixo.

Queremos seguir ao Deus que rejeita todo sacrifício humano em função do bem-estar e do desenvolvimento de alguns. Nada deve ser sacrificado para o bem dos outros. Nem ao desenvolvimento, nem ao crescimento econômico se pode sacrificar vítimas humanas. Queremos ser sinais do Deus da vida, que não é um Deus de raça, povo, nação, religião alguma..., senão de todos igual-

mente, da fraternidade universal, sem privilégios nem exclusões.

Optamos pelo Deus da vida que quer a reconciliação de gêneros, a recuperação da feminilidade do varão e da masculinidade da mulher, como passo imprescindível para uma humanidade sem ruptura, mas reconciliada consigo mesma.

Optamos pelo Deus da vida que é o Deus da convivência e da comunhão, o Deus Trinitário: um Deus desconhecido em sua totalidade pela formulação humana e em permanente reelaboração e no diálogo humano das diferenças. É o Deus da sinfonia universal de culturas diferentes no diálogo plural e mutuamente recriador de visões e discursos. O Deus do débil que não conta com a cumplicidade do poderoso impulso do egoísmo humano, a não ser que a veja como o desprendimento sacrificado do amor – a cruz cristã – e neste jogo, perde na maioria das vezes.

Queremos, como Vida Religiosa da América Latina e do Caribe, tomar a sério o ser humano para tomar a sério a Deus, já que desde o mistério da encarnação, o divino não se contrapõe ao humano, senão ao inumano.

Para ajudar-nos a concretizar este sonho, dando continuidade às cinco linhas inspiradoras e ao Caminho de Emaús, decidimos priorizar duas necessidades a ser aprofundadas no triênio 2003-2006:

- fazer frente à globalização neoliberal desde uma maior humanização e um espírito solidário.

- reagir à crise de identidade da Vida Religiosa da América Latina e do Caribe em sua realidade multiforme e pluricultural.

Para construir uma resposta a estas necessidades nos propomos o seguinte objetivo geral:

Continuar acompanhando o processo do renascer da Vida Religiosa na América Latina e no Caribe, respondendo de outra maneira à necessidade de humanização que tem o mundo globalizado de hoje desde nossa vocação – missão – mística – profética.

Este objetivo irá se concretizando em três linhas de ação prioritárias:

- Formação, que responda à realidade, em todos os níveis.
- Aprofundamento da identidade da Vida Religiosa.
- Articulação com diferentes instâncias eclesiais e civis.

Depois de aprovar o Projeto CLAR 2003-2006 e de realizar o necessário processo de discernimento, elegemos a Presidência da CLAR.

Agradecemos particularmente ao Metodólogo Alejandro Ortiz por suas orientações precisas e claras para a elaboração do projeto CLAR.

Desde o princípio, na Basílica de Guadalupe, aos pés da Virgem Morenita, pusemo-nos sob sua proteção e agora lhe recomendamos a feliz realização de nosso projeto, confiantes de que ela nos acompanhará para sermos fiéis ao seguimento de seu Filho Jesus.

México, 3 de julho de 2003

2. Despedida

Ao terminar a gestão de três anos de Presidência da CLAR, queremos partilhar com os membros da Assembléia e com todos nossos irmãos e irmãs ***nossas alegrias, nossas tristezas, aflições e nossas esperanças*** (Cf. GS 1): ***"O que vemos e ouvimos lhes anunciamos para que estejam em comunhão conosco(...). Escrevemos isto para que nosso gozo seja completo"*** (1Jo 1,3-4)

Nossas alegrias

Alegra-nos saber que a CLAR, ao participar do despertar da Igreja na América Latina e no Caribe, tenha assumido o entusiasmo conciliar do Vaticano II e o impulso dado por nossos Pastores nas Conferências de Medellín, Puebla e Santo Domingo.

Constatamos com alegria que a Vida Religiosa foi uma das instâncias eclesiais que assumiu com mais convicção as chamadas do Magistério universal e latino-americano sobre a adequada renovação da Vida Religiosa, seguindo as orientações do Decreto Perfectae Caritatis. A CLAR esteve, durante estes anos, acompanhando o caminhar da Vida Religiosa do Continente e promovendo a reflexão e o compromisso.

Partindo do seguimento de Jesus e com o desejo de uma maior proximidade com o povo sofredor, a Vida Religiosa do Continente tem-se empenhado na inserção, na inculturação (Santo Domingo) e agora, o renascer do Espírito, exi-

ge de nós a volta aos fundamentos para recriar nossos Carismas em atenção ao que Vita Consecrata chama ***"fidelidade criativa"*** (VC 37).

Como Presidência, agradecemos ao Senhor o caminho percorrido até aqui e nos sentimos responsáveis pela tradição da CLAR, que tanto tem contribuído com a Vida Religiosa da América Latina e do Caribe do qual muito temos aprendido.

Neste triênio de serviço, recolhemos o legado histórico da XIII Assembléia de Lima, 1997, onde todo o caminho da CLAR se concretizava nas cinco linhas inspiradoras. Coube-nos assumir a inquietude da XIV Assembléia de Caracas 2000, de iniciar processos de refundação da Vida Religiosa com a proposta do *Caminho de Emaús*.

No espírito das advertências de Sua Santidade João Paulo II em sua Carta aos religiosos e religiosas da América Latina, por ocasião do V Centenário da Evangelização do novo mundo, lançamos uma olhada para o passado, vimos as exigências do presente e contemplamos os desafios do futuro (Cf. 3); por aí passou nosso ***"caminhar partindo de Cristo"*** nestes anos, seguindo as etapas do *Caminho de Emaús*.

Nossa esperança é de que este processo de 45 anos de busca em fidelidade à Igreja e ao povo siga em frente, apesar dos tropeços do caminho e das contradições encontradas na mesma Vida Religiosa.

Nossas tristezas e aflições nascem da dor ante a pobreza crescente do povo e a falta de um real compromisso por parte da Igreja e mesmo da Vida Religiosa em buscar, unida com outros grupos conscientes da situação, alternativas que apontem a raiz dessa situação e promovam a construção de uma sociedade mais justa. Surge-nos a pergunta: Como ser mais proféticos ante esta realidade?

A partir de nossa opção pelos pobres e de uma espiritualidade encarnada e inculturada, que são os eixos centrais de nosso Projeto de animação da Vida Religiosa, nos incomodam e nos preocupam:

- O abandono e o sofrimento dos pobres nesta sociedade globalizada, como o Papa atual destacou em *Ecclesia in America* (Cf. EA 20).
- A tendência ao recuo e ao esfriamento do ardor profético que se observa em alguns grupos da VR. da América Latina e do Caribe, enquanto cresce o grito dos excluídos.
- A má interpretação de alguns setores da VR com suspeita de que havíamos perdido o impulso da opção pelos pobres.
- Houve impressão e às vezes suspeitas, de que nos descuidamos da dimensão espiritual em nosso serviço de animação, quando, na realidade, para nós, a mística é a fonte de nosso profetismo.
- O fato de não haver podido encontrar em algumas instâncias da Igreja uma atitude que possibilitasse um diálogo aberto sobre aqueles pontos que nos preocupavam e sobre os

quais, na maior parte das vezes, não podíamos conhecer senão apreciações gerais que não nos permitiram tomar as medidas requeridas por cada caso.

- Não conseguimos entender por que nos foi exigido abandonar a palavra **“refundação”** nos escritos da CLAR, o que não aconteceu com aqueles que lançaram esse termo e com os que o adotam há anos em todos os Continentes.

Esperamos...

Esperamos que tudo o que foi dor e sofrimento nestes anos possa ser um passo para uma nova etapa no esforço da CLAR a fim de construir, em todos os níveis, relações que permitam um diálogo leal, fraterno e evangélico, baseado na verdade: a Igreja se edifica através do diálogo, como expressou Paulo VI em sua encíclica *Ecclesiam Suam* e mais recentemente o ratificou João Paulo II em *Novo Millennio Ineunte* (Cf. NMI 43).

Esperamos que algum dia a CLAR possa chegar a ser considerada como interlocutora em relação às distintas instâncias eclesiais, ao mesmo nível que outras instituições representativas da Vida Religiosa na Igreja.

Esperamos e continuamos na utopia de alcançar uma Igreja que seja **“casa e escola de comunhão”** (NMI 43), respeitosa da diversidade de carismas, pobre, profética e pascal, onde a autoridade é um serviço exercido no diálogo e na sinceridade.

Voltando aos fundamentos de nossa VR, colocamos nossa esperança em Jesus que nos chama a segui-Lo sendo criativamente fiéis ao momento que nos cabe viver.

Nossa esperança está nos pobres, com os quais nos reconhecemos filhos de um mesmo Pai e nos sentimos chamados a construir uma sociedade de irmãos e nos/nas jovens desta cultura pós-moderna, como co-criadores/as de uma nova VR.

Esperamos também uma reconciliação profunda entre o homem e a mulher, como base de uma nova relação de gênero na sociedade, na VR e na Igreja. Confiamos no papel que pode ter a mulher com sua espiritualidade e sua palavra específica.

Professamos nossa fé no Reino e em uma nova maneira de viver na Igreja, na VR e na sociedade.

"Vi um céu novo e uma nova terra. E vi a Cidade Santa, a nova Jerusalém que descia do céu de junto de Deus" (Ap 21).

Presidência CLAR 2000 – 2003

Carmen Margarita Fagot, rscj

Armando Raffo, sj

Silvia Valejjo,odn

Dina Maria Orellana,hm

Alfonso Fernández Peña,fms

Maria de Lurdes Gascho, cf

**“O que vemos e ouvimos lhes
anunciamos para que
estejam em comunhão conosco,”**

CRB, 50 anos a caminho Testemunho, Profecia e Esperança

IR. MARIS BOLZAN, SDS

O ano jubilar da nossa CONFERÊNCIA, nos interpela a vivenciá-lo revendo-celebrando. Na experiência bíblica jubileu é o tempo "kairós", da libertação, do resgate, do perdão das dívidas e da reconciliação (Lv 25; Lc 4,18-19). É a pausa para a escuta atenta à convocação do próprio Deus. Convocação à reverência diante da sua face velada e revelada na História, no caminhar do povo.

"*Este é um tempo favorável*" para, juntas e juntos, sob a ação do Espírito:

- reafirmar as linhas inovadoras da Conferência ressaltadas ao longo de sua história, bem como, sua constante preocupação com o social;
- discernir os sinais e desafios do milênio que confrontam a Vida Religiosa do Brasil e pedem respostas atualizadas e urgentes;
- impulsionar a refundação da VR como fidelidade místico-profética e associar hoje nossa profecia a tantas outras profecias – "*não há profecia hoje, sem consideração do passado e sem perspectiva futura*".

Neste horizonte, queremos nos reunir todas e todos, na multiplicidade dos carismas e dons, para celebrarmos essa grande festa – ***festa da vida consagrada no Brasil!***

Jubileu nos remete ao júbilo, à ação de graças. E por isso, convocamos todas as religiosas e religiosos, membros da CRB jubilar, à celebração, na tríplice dimensão litúrgica:

- memória histórico-simbólica, permeada do testemunho de mártires, mulheres e homens, que confirmam a autenticidade da vida consagrada;
- novidade fecunda do presente em que somos protagonistas, construindo no palco da História, o sentido da pertença e compromisso com o PROJETO DO REINO;
- esperança escatológica já vislumbra-da nos sinais do Reino Definitivo, apontando para a dinâmica pascal que transcende a História: "***algo novo está surgindo***" (cf. Is 43,19).

Revemos e celebramos o caminho, conscientes de que o agente primeiro e

último dessa trajetória é DEUS-Trindade, tecendo conosco os fios da vida consagrada a serviço do Reino.

1. CRB: Memória, Comunhão e Testemunho

É próprio da pedagogia jubilar recordar, fazer memória dos acontecimentos que fazem a história. Estes 50 anos de história da Conferência dos Religiosos do Brasil estão marcados por uma trajetória de luta, solidariedade e simplicidade evangélica. Da sua fundação aos dias de hoje, a CRB vem congregando as distintas famílias religiosas colaborando para que sejam evidenciadas as riquezas dos carismas.

1.1. CRB E CNBB: Fundação e Missão Solidárias

A organização de uma Conferência que integrasse as Ordens, Congregações e Sociedades de Vida Apostólica era uma idéia que tinha começado a ser ventilada desde o *"Congressus Generalis de Statibus Perfectionis"*, realizado em Roma durante o Ano Santo em 1950. A fundação da CNBB em 1952 reforçou o desejo da Vida Religiosa do Brasil. Finalmente em 11 de fevereiro de 1954 os tempos estavam maduros e durante o 1º. Congresso dos Religiosos do Brasil, que reuniu no Rio de Janeiro 300 religiosos e 1500 religiosas, foi realizada a Assembléia de fundação da CRB, inicialmente denominada: "Conferência dos Superiores Maiores Religiosos do Brasil".

A criação das duas Conferências significou um novo momento para a Igreja e para a Vida Religiosa. Não por acaso,

ambas as Conferências tinham objetivos semelhantes. A fundação da CNBB almejava um maior relacionamento entre os bispos e conseqüente organização pastoral; A CRB por sua vez buscava também uma maior aproximação e articulação entre os Institutos Religiosos.

Embora com finalidades próprias e fiéis às suas identidades, o relacionamento entre as duas Conferências foi marcado desde o início por intensa colaboração e respeito mútuo. Na Assembléia de fundação da CRB, além dos religiosos e religiosas, estavam presentes Dom Jaime de Barros Câmara, Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, e Dom Helder Câmara, bispo auxiliar no então distrito federal e Secretário Executivo da CNBB. Da colaboração entre CRB e CNBB já nos primeiros tempos surgiram:

- O Instituto Nacional de Catequese – INC, que, sob a coordenação acadêmica do lazarista padre Hugó Paiva e da irmã ursulina Madre Tereza, tornou-se o grande centro de referência da renovação catequética no Brasil, tanto em termos pedagógicos como em termos de conteúdo, decorrente da sólida base teológica, bíblica e patrística de que foi dotado.
- O Centro de Estatística Religiosa e Investigação Social – CERIS.
- O Serviço de Cooperação Apostólica Internacional – SCAI, para o "intercâmbio de missionários entre o Brasil e os demais países" (Jubileu CNBB, p.35).

1.2. CRB: Partícipe dos processos de libertação – Planos de Pastoral.
Organizada em Conferência, a Vida

Religiosa no Brasil pôde com muito mais proveito participar do grande evento do Concílio Vaticano II (1962-1965) e tirar daí as orientações próprias para o seu novo lugar na Igreja pós-conciliar.

A CNBB, empenhando-se com fidelidade na concretização das diretrizes do Vaticano II, elaborou sucessivos planos de pastoral: Plano de Emergência (PE 1962) e o Plano de Pastoral de Conjunto (PPC 1965), que priorizava a evangelização como missão primordial da Igreja, destacando o papel dos leigos, a solidariedade para com todos, especialmente com os pobres. A atenção à problemática social se incorpora à pastoral e nascem as comunidades eclesiais de base – CEBs. A atuação das religiosas e dos religiosos foi de suma importância nessa transformação.

O surgimento da teologia da libertação aponta para a dimensão transformadora da fé cristã a serviço da libertação integral da pessoa humana. Na América Latina, marcada por estruturas de injustiça social, a maioria da população é constituída por pobres. Dezenas de religiosas e religiosos foram buscar novas modalidades de ação evangelizadora nas periferias urbanas, favelas e zonas rurais motivados pela *opção pelos pobres* afirmada em Medellín.

1.3. CRB em Mutirão com o Povo de Deus

Entre as Assembléias de Medellín (1968) e Puebla (1979), a Vida Religiosa vive suas maiores provações. São décadas de grandes e dolorosos conflitos na América Latina, anos de ditaduras gerando perseguição política. Exem-

plo disso se registra no início dos anos 70, quando a sociedade brasileira foi submetida ao ato institucional nº 5 que cerceava quaisquer liberdades civis. A Vida Religiosa venceu resistências e participou decididamente da Igreja que se reconhecia na vida do povo empobrecido e marginalizado. Inseriu-se em seu meio; experimentou suas dores; viveu seus sonhos. Chorou indignada as mortes, o martírio de muitos religiosos e religiosos e, solidária com tantas famílias do povo que também viram morrer seus entes queridos, consolaram-se mutuamente.

Ao celebrar este ano jubilar, a Vida Religiosa não quer esquecer nenhum destes muitos irmãos e irmãs que entregaram suas vidas pelo testemunho do Evangelho e pela fidelidade à causa do povo. Na solidariedade da inserção, na opção pelos pobres, na tenaz busca de justiça pelo Reino, no martírio e na espera contra toda esperança, a Vida Religiosa selou sua missão profética no Brasil. No grande mutirão constituído pelos Movimentos Populares, pela CNBB e pela CRB ao longo das décadas pós-conciliares, as religiosas e religiosos participaram assiduamente, às vezes protagonizando a animação e tantas outras vezes na operante invisibilidade. Da elaboração teológica à formação da consciência crítica nos meios populares, a Vida Religiosa marcou significativa presença.

Celebrar o Ano Jubilar da Conferência dos Religiosos e das Religiosas do Brasil é, sobretudo, uma grande possibilidade para dar graças a Deus por esta Vida Religiosa grávida de sentido e tes-

temunho, da qual somos participantes em comunhão com o povo.

2. A Novidade Fecunda do Presente

Contextualizada no chão da latiniidade, nossa Conferência tem sido agraciada nos últimos anos de sua história, pela força resultante das entusiasmasdas reflexões bíblico-teológicas, que a impulsionaram na busca de uma presença profética significativa nos mais variados lugares de inserção.

Destacamos os projetos sistematizados de releitura da realidade à luz da Palavra: O primeiro "Tua Palavra é Vida", leitura orante da Bíblia, proposto a toda a América Latina, mas que ficou limitado a Conferência dos Religiosos do Brasil por circunstâncias conhecidas que, para nós tornaram-se um privilégio, graças à ousada persistência de mulheres e homens que assumiram levá-lo em frente na convicção de que *procedia de Deus*.

O segundo, aderindo ao projeto da CLAR para toda a América Latina e Caribe, na solidariedade e na experiência da comunhão e participação adentrando-nos *Pelo Caminho de Emaús*.

Fizemos uma releitura pascal da realidade, iluminação para percebermos o *RESSUSCITADO* nos caminhos deste continente-esperança. Quem caminha com atenção fixa a essa presença, incomoda-se ao encontrar à margem dessa experiência tantas e tantos privados dessa possibilidade. Então, a solidariedade toma nome, convoca, organiza-se, impulsiona, realiza ações concretas, em parcerias, em favor da vida: nasce o

Projeto Solidário Latino-americano Caribenho – PROSOLAC e outros pequenos projetos são confirmados. A estes agregam a Memória Histórica da Vida Religiosa Feminina na América Latina e Caribe – 1959-1999 e o Projeto Afro-Indígena.

À luz desse sentir, pensar e fazer acontecer a visibilidade da Vida Consagrada, a XIX AGO da nossa Conferência Jubilar ousou apontar algumas novas setas em seus marcos indicadores: **"A espiritualidade integradora**, como experiência de itinerância, vivida na dinâmica pascal; **– a Opção preferencial**, audaciosa e atualizada, pelos **empobrecidos e excluídos**; **– Comunidade**, antídoto contra o individualismo, espaço de irmandade, crescimento, discipulado, solidariedade; **– Formação** para ser presença profética na realidade, comprometer-se e deixar-se evangelizar; **– Abertura às interpelações das novas gerações**, em sua diversidade cultural; **– Novas relações de gênero e etnia** tecidas no respeito e valorização do diferente; **– Intercongregacionalidade, trabalho em rede parcerias** com leigos e diversos organismos, em vista da solidariedade; **– Análise Institucional** a partir do carisma e em vista da pessoa e da missão; **– Apoio a novas formas de consagração** e de pertença aos carismas.as novas formas de consagração; **– Dinamização e operacionalização do Projeto da CLAR "Pelo Caminho de Emaús"**; **– Resposta generosa e presença inculturada na missão além-fronteira**. Esses marcos querem ser mediações para se concretizar na Igreja e na sociedade os sinais do Reino.

Estamos em tempo de uma constru-

ção coletiva, dinamizada pela ternura e força revolucionária do Espírito que tudo transforma segundo o Projeto da Trindade Santa. Somos sacudidos/as por muitos vendavais mas temos a certeza de que o mesmo viajante de Emaús está na direção do barco. E nos ordena a avançarmos para águas mais profundas e lançarmos as redes. Sem medo, sem condicionamentos das "pescarias estéreis", mas na liberdade criativa do Espírito que *"sopra onde quer"* (Jo 3,7). Avancemos, pois, para o coração do mistério trinitário. Somente na ousadia do "único necessário" somos testemunhas, profetas e profetisas do Reino.

3. Futuro: "eis que faço novas todas as coisas"

Vislumbramos com esperança o futuro. O mesmo Deus que suscitou a Vida Consagrada no interior da Igreja para ser sinal escatológico, caminha conosco. Com alegre esperança reconheçamos essa presença e a celebremos com o salmista:

"Rendei graças ao Senhor

*na cítara, na harpa de dez cordas,
tocai para Ele!*

*Cantai para Ele um canto novo,
cantai com arte durante a ovação.*

*Pois a palavra do Senhor é reta,
e toda a sua obra é segura.*

*O plano do Senhor subsiste sempre,
e os desígnios do seu coração, de
idade em idade.*

*Feliz a nação que tem o Senhor
como Deus!*

*Feliz o povo que Ele escolheu como
seu patrimônio.*

*A tua fidelidade, Senhor,
esteja sobre nós,*

como nossa esperança está em vós"
(Sl 33,2-4.11-12.22)

Coloquemo-nos em prontidão! O "yobel" – berrante – está soando, convocando! Com a Mãe Aparecida entoemos o "Magnificat" e reafirmemos nossa consagração religiosa, colocando-nos a serviço, no seguimento do Servo-servidor, Jesus Cristo. Prostremo-nos, finalmente, em adoração e súplica à Trindade Santa:

"Trindade Santa,

*Amiga dos homens e mulheres do
planeta*

nós vos adoramos.

*Contemplamos vossa face harmoniosa
e serena*

*olhar interior, transparência pura
doce força de infinita ternura, fonte
inesgotável*

de amor transbordante e derramado...

*Nós, religiosas e religiosos do Brasil,
por ocasião do cinquentenário de
nossa Conferência,*

*queremos vos dar graças
e vos agradecer*

*pelo dom da consagração batismal,
radicalizada em nossa profissão
religiosa.*

*Pai Mãe de bondade misericordiosa
Filho Verbo, Palavra em nosso
caminhar,*

*Espírito Luz em nossas escuridões,
Trindade amável, eternamente jovem,
rejuvenesce em vossos filhos e filhas
o entusiasmo do **primeiro amor**
e o encanto do compromisso
apostólico..."*

(Ir. Ana Roy, AS)

Novas Vocações, para quê?

Para novas vocações, Vida Religiosa refundada

MARIANO VARONA G., FMS

Confesso que escrever um tema sobre pastoral vocacional não é fácil. Carrego comigo, desde muitos anos, a dor de uma ferida que, talvez, não esteja suficientemente curada. Dor produzida por muitas causas, pela prolongadíssima esterilidade, pelas numerosas deserções de pessoas muito queridas, pela impotência de não saber como fazer, pela falta de energia e força interior para acometer a empresa de gerar mais vida nova, pela aceitação rotineira, na minha vida nova, na minha província e outras, de uma situação que deveria dilacerar e, contudo, já quase não produz impacto.

Gerar novas vocações é algo muito complexo, que tem que ver com diversas causas. Não é fácil mover-se com clareza neste tema. É muito arriscado afirmar que este ou aquele método é o mais adequado. No fundo, neste campo, mais que em outros, o mais adequado é abandonar-se ao mistério de Deus, que atua com liberdade e cujos caminhos, muitas vezes, nos são desconhecidos e não se ajustam aos nossos.

Por isso a presente reflexão, ao mesmo tempo em que é apresentada com honestidade – assim penso –, é também entregue com humildade, por não ter a certeza de que aquilo que aqui se expressa seja exatamente o melhor.

Convidando os/as leitores/as a terem a liberdade suficiente para tirar suas próprias conclusões diante das pistas e perspectivas que o artigo apresenta.

A atual crise vocacional que hoje atravessamos todos os Institutos em geral permite variadas interpretações. Para uns é *signal dos tempos*, vontade do Senhor que quer despojar os religiosos e as religiosas de suas heranças seculares de poder e privilégio para que circulem pelos caminhos purificadores da diminuição e da fragilidade e se afirmem no que é substancial em sua vocação: Deus mesmo. A atual situação da Vida Religiosa pode ser vista também desde *as circunstâncias adversas da sociedade de hoje e da cultura dominante*, às quais não soube adaptar-se nem responder convenientemente. Também pode ser vista como *é um momento privilegiado que permite que os leigos – imensa maioria da Igreja – assumam o papel protagonista que lhes corresponde nela*, participem de forma mais plena dos distintos carismas e criem, nas diferentes realidades, “novos dinamismos apostólicos” (VC 55). Substituam os religiosos e as religiosas naquelas tarefas que são mais próprias deles que dos(as) consagrados(as).

Vista com perspectiva histórica, a realidade presente da VR é atrativa e

apaixonante, por mais que pareça o contrário. Assim a apresentam vários autores, ao qualificá-la como: encruzilhada, mar revolto, época apaixonante e difícil, tempo de tensão e incertezas, de despojamento, de inverno purificador, longa noite, período no ventre da baleia de Jonas, tempo de nascer de novo, momento em que arrisca-se seu futuro. Não estamos vivendo uma época passiva nem de desesperança. Vivemos anos de muita intensidade vital, de muitas crises – crises de nascimento –, de muito movimento interior, de muita agitação e tensão. Morre-se muito na esperança de que se ressuscite muito também. Isto certamente produz desassossego, desorientação e incerteza. Um dos aspectos que contribui para que a VR seja caracterizada assim, é o tema vocacional. É certamente um dos sinais mais evidentes da crise que padecemos. As casas de formação ficaram grandes demais e têm sido usadas para outros usos; os rostos dos consagrados (homens e mulheres) aparecem mais velhos e com rugas; as entradas são reduzidas e não melhoram substantivamente os níveis de perseverança. Os paradigmas tradicionais têm perdido força de convocação, não são atraentes e não iluminam o interior das comunidades e unidades administrativas; vive-se a tensão entre o querer voltar a esses modelos e o mergulhar em campos e métodos novos.

O título do presente artigo pode parecer estranho. A alguns pode parecer pejorativo, pessimista e negativo; entendendo-o como uma falta de confiança na validade da vocação consagrada

e como um grito a favor de sua desintegração e término, por não ser necessária sua presença nem na Igreja nem na sociedade. Nada mais longe da realidade. Adotamos este título provocativo para suscitar em todos os consagrados e consagradas uma sacudida que permita adentrar-se no coração do problema. Oxalá o alcancemos.

O problema consiste em que não basta colocar todos os ovos na mesma cesta. *A promoção vocacional* deve ser acompanhada de um esforço coletivo para que cada família religiosa adote novos estilos de vida e entregue aos seus novos membros lugares e espaços de humanização, onde possam ter uma profunda experiência de Deus e possam desenvolver a sensibilidade para com os mais necessitados.

Queremos suscitar as provocações e interpelações, afirmando que *a VR produzirá vocações – é uma afirmação, talvez, ousada – na medida em que seja mais fiel à sua própria identidade e à sua missão original. Afirmando, também que, para as vocações perseverarem, é preciso que encontrem um lugar adequado, refundado.*

Inspirando-nos na passagem de Mt 9,17 – “a vinho novo, odres novos” – vejamos alguns indicadores desse lugar refundado.

I. Cinco odres novos para conter o vinho da refundação

1. Primeiro odre: enfatizar o Eu, mais do que a ação (Para que o vinho não se adultere).

O desafio principal da pastoral vocacional não é renovar metodologias e

estratégias ou afinar as equipes vocacionais. Seu desafio mais importante é resolver convenientemente a pergunta de sempre: religiosos(as) quem são vocês? Que têm a dizer, hoje, a esta sociedade concreta e a esta Igreja? Qual é sua contribuição e seu serviço? Porque um jovem ou uma jovem vai embarcar em seu projeto e aventura? Porque apostar sua vida na carta de vocês? Por que deixar tudo para comprar seu tesouro?

Alguns autores questionam que se fale de crises de vocações. Afirmam que é preferível falar de *crises de "significado"*. O que realmente importa é que os chamados sejam "mais sinais". O plural, que haja "mais sinais", é fruto do anterior e virá se se dá o primeiro. A qualidade da VR é o elemento primordial em todo despertar vocacional.

E ao nos referirmos à condição de "sinais" tocamos o ponto mais sensível na compreensão da Vida Consagrada. Por muito tempo confundimos as coisas. Pensamos que o mais importante é o que fazemos, as tarefas que realizamos e descrevemos nossas crises em termos do "fazer": carência de membros, o desgaste dos mesmos para dar resposta a tantas obras e projetos. Temos identificado "carisma" com atividade a realizar. Temos elevado o secundário à categoria de fim. Temos desfeito, assim, o perfil da essência da VR. A imagem que projetamos dos religiosos e das religiosas se parece muito com a de um ser muito ocupado, que vive o ritmo da eficiência com as agendas sumamente recarregadas. E que experimentam uma crise profunda quando, ao chegar ao fim

da vida, não conseguem continuar realizando o que têm feito sempre e no ritmo com que o têm feito. Desde o ponto de vista vocacional esta imagem não é muito atrativa e se o essencial é trabalhar muito, isso mesmo, é o que fazem os leigos. Esta confusão na identidade é uma das razões pelas quais a VR não se renova como deveria, apesar dos muitos esforços que se fazem.

A identidade, a razão de ser de nossa vocação religiosa, não está na função que desempenhamos nem na ação que realizamos ("razão instrumental"), e sim, no que nossas vidas significam, nos valores cristãos que encarnamos, no traço da pessoa e da vida de Jesus Cristo que colocamos em destaque, de uma maneira especial, na Igreja ("carisma"). Nossa identidade é carismática, significativa, icônica. Ser parábola do Reino, memória do transcendente, consciência do divino no humano, comunicadora de que há uma só coisa que vale a pena buscar na vida. Deus, presente no coração do mundo e a sua justiça em meio da miséria humana. Mais significativa será nossa presença entre os homens e mulheres de hoje, quanto mais visível apareça a pessoa e a vida de Jesus em nossas vidas e comunidades. Quanto mais deixamos transparecer seus sentimentos, quanto mais adotamos seus critérios, ainda que pareçam "loucos" nos ambientes corruptos e secularizados em que nos movemos; quanto mais importunamos a esta sociedade que vive de costas para a "transcendência" e exclui cada dia mais os débeis e os pobres.

A VR é uma vida fundamentada na

Palavra de Deus que questiona permanentemente a ordem estabelecida; é um conjunto de peregrinos/as que buscam a Deus e o sentido da vida. Situa-se na contra corrente da sociedade à qual serve e na qual está chamada a estimular a vivência do Evangelho. Merecerá a pena que exista enquanto a alma humana aspire à verdade do inatingível e haja religiosos e religiosas enraizados no lado espiritual da vida¹. Sua força não reside nem nas obras que possui nem nas ações que realiza, e sim, na potência de seu testemunho evangélico.

2. Segundo odre: centrar fortemente suas raízes em Deus (Para servir e degustar a toda hora – não só no final – o melhor vinho, o vinho da festa).

É prolongação do odre anterior. Desde há muito tempo está se formando na Igreja o consenso de que desafio da espiritualidade se coloca entre as urgências mais importantes e as tarefas mais prometedoras do futuro. Todos os Institutos estão sentindo com muita força a necessidade de uma maior espiritualidade. Há quatro décadas do Concílio Vaticano II, há uma maior consciência de que o longo processo de renovação que empreendemos, tanto na Igreja, em geral, como na VR, em particular, o mais importante não realizamos, ainda, a saber: *recuperar a mística, identidade, espírito, voltar às moti-*

vações essenciais que nos deram origem.

Para ninguém é segredo que a VR está em crise porque não está suficientemente fincada no que é sua coluna vertebral. A crise parece provocada não porque os números vão decrescendo em cada Congregação e sim, sobretudo, pela falta de uma autêntica experiência de Deus (cf. VC 63). Todos os motivos que se propõem para realizar a refundação apontam para a espiritualidade. Ela é um problema de espiritualidade, não de meras reformas estruturais, por necessárias que sejam também. *“Desde o momento em que nosso Instituto apareça como escola de autêntica espiritualidade evangélica (VC 93) poderemos estar seguros de ter iniciado o caminho da refundação”*². O último fundamento do projeto chamado VR é a fé radical que sustenta um seguimento radical de Jesus Cristo. E parece que não é arriscado afirmar que aqui reside a raiz da crise em que estamos, na debilidade da fé. *“Não temos, sempre, uma verdadeira paixão por Jesus e seu Evangelho. Às vezes nossa fé é insuficiente para manter nossa vida e missão”*³.

A refundação e, por isso mesmo, uma aposta por uma maior vitalidade no futuro que inclui aumento de novas vocações, pede a presença de religiosos e religiosas decididos a serem testemunhas visíveis e transparentes de Deus, de Jesus Cristo, de uma maneira mais decidida e radical, diferente da atual.

¹ CHITTISTER, Joan, *La caída Del templo*, em Boletim da Revista Vida religiosa. Madrid, novembro de 2002, n° 3, vol. 93, p.15.

² ARBUES, Benito, *Caminar con paz, pero de prisa*, Circular, Vol. XXX, 1 – novembro de 1997, p. 24.

³ XX CAPITULO GENERAL DE LOS HERMANOS MARISTAS, Documento, n° 11, Roma 2002.

Pede, também, processos de discernimento e conversão que procurem que nossa vida de consagrados(as) esteja cada dia mais enraizada em Jesus Cristo, mais alimentada pelo Evangelho e mais apaixonada pela instauração do Reino. O Pe. Bruno Secondin, em uma síntese que apresenta à 55ª Assembléia de Superiores Gerais (maio de 1999), reunida para estudar o tema: *Vocações à vida consagrada no mundo moderno e pós-moderno*, afirma que *"a maturidade das vocações necessita de um ambiente de fé e de existência cristã autênticas. Não se podem buscar vocações para que vivam o que nós não queremos viver ou que nos desiludiu. Para isso, é importante que se criem sinais e lugares de experiência compartilhada de Deus, porém sólida, fundamentada sobre os grandes pilares da espiritualidade cristã: a Palavra, a liturgia, a comunhão, a evangelização, a encarnação e o Reino"*.

Hoje em dia se requer uma robusta e forte espiritualidade que faça surgir religiosos e religiosas maduros, adultos, sólidos, que possam enfrentar os difíceis desafios que provocam a rua, os meios de comunicação social, o sistema social imperante, os critérios dominantes, etc. Uma espiritualidade que se constrói à base de uma *oração profunda*, cultivada por convicção pessoal; de uma prática do *discernimento* a todo nível; de um *acompanhamento espiritual habitual*, tanto a nível pessoal como comunitário, onde o superior volta a adquirir o papel de animador espiritual; de uma *entrega apostólica* generosa e apaixonada; e de um hábito

de descobrir, amar e servir a Deus no cotidiano da vida. Esta se transforma na sarça permanente que não se consome porque, nela, Ele se manifesta sem esgotar-se.

Uma espiritualidade que cultive, igualmente, a abertura à novidade e não o medo da mudança; a abertura e não o rigor; a misericórdia e não a prepotência. Uma espiritualidade que ajude a descobrir e aceitar a vulnerabilidade própria e alheia e estimule a superar o orgulho e a rigidez. Uma espiritualidade que promova a confiança, o estímulo, a alegria, a paz interior e a simplicidade e vá abandonando pelo caminho a suspeita permanente, o pessimismo e a ansiedade.

3. Terceiro odre: traduzir, com criatividade e audácia, sua missão original para os tempos de hoje, a fim de que continue sendo significativa (Para que o vinho continue sendo sangue que se derrama para a salvação de muitos).

Com o passar do tempo, às vezes, os religiosos e as religiosas, corremos o risco de esquecer que se existimos até agora e continuaremos existindo no futuro, é pela missão que recebemos de Deus, como dom. Pela missão de sermos sinais vivos do Evangelho e encarnar um traço específico da vida e da espiritualidade de Jesus Cristo; e pela missão de continuar sua ação salvadora, prolongando através de diversos meios (educação, saúde, meios de comunicação social, atenção carcerária, etc.), seus gestos de salvação. Ambas as dimensões da missão se complementam e

se potenciam entre si. O Fundador/a as recebeu como graça muito singular e têm sido, e continuam sendo, transmitidas a seus filhos/as e, nos tempos de hoje, a muitíssimos leigos que participam nelas desde sua condição laical.

É o serviço a essa missão concreta que legitima que uma determinada família religiosa continue existindo e continue recebendo novos membros.

Por fidelidade criativa, os consagrados e consagradas devemos estar atentos aos sinais dos tempos e questionar como adaptar esta missão às necessidades que propõem os novos tempos. Sempre nossos Fundadores ao se encontrarem, em sua época, com situações de desumanidade que pediam uma atenção preferencial. Sempre escutaram o clamor do povo e seu coração se comoveu. Sempre sentiram a dor, a lástima que experimentou Jesus, e, como Ele, movidos por seu Espírito, acudiram, criativamente, a satisfazer as necessidades que encontraram. Como Ele, experimentaram a urgência de curar, ensinar, pregar a Boa Nova, expulsar demônios, ressuscitar mortos (Mc 11,29-39).

A passagem da história introduz em nossos Institutos duas variáveis às quais temos que prestar especial atenção para não perder nem fidelidade nem vitalidade: aparecem novas desumanidades e necessidades a que atender e se produz, também, com frequência, um certo desvio do caminho original, orientando o serviço primitivo para outros destinatários ou campos que não os originais. Nesta fidelidade renovada

entra em jogo uma parte significativa da crise que atravessa a VR, hoje. Aparece um chamado intenso à refundação e se abre um caminho novo a ser percorrido por novos caminhantes.

Refundar, entre outras coisas, é apropriar-se do coração do Fundador/a, sentir os chamados de Deus no momento atual, valer-nos de seus olhos para olhar com amor o mundo de hoje e suas urgências. Empenharmo-nos a encarnar com uma linguagem nova a mensagem de nossos Fundadores, empreendemos projetos que possam ser mais fiéis às instituições fundadoras, despojarmo-nos de tudo quanto nos afasta dessa fidelidade⁴. Para empreender esta notável aventura, para “acometer as obras do século seguinte que estão começando”, como disse a Ir. Joan Chittister, requerem-se pessoas corajosas, valentes, criativas, centradas e arraigadas em Deus.

A VR terá futuro, valerá a pena entrar nela, se se faz algo para levar o Reino de Deus aos lugares onde está ausente agora. A este respeito, me vem à mente uma experiência vivida há alguns anos na Guatemala. Existe ali uma pequena comunidade de quatro moças que estão dando início a uma nova forma de VR. Sendo alunas dos Irmãos Maristas ou trabalhando em grupos de jovens, sentiram o chamado para a vivência do espírito que Marcelino Champagnat, o Fundador, deixou a seus Irmãos; mas vivê-lo sob um prisma feminino, como mulheres. Sentiram-se chamadas a ser, como elas

⁴ ARBUES, Benito, ob. citada, p. 28.

se nomeiam, Irmãzinhas de Champagnat. Lendo a vida do Fundador e das Constituições dos Maristas, se deram conta de que a missão que foi confiada aos Irmãos era ensinar aos meninos e meninas do campo – que naquela época eram os mais postergados –, que Deus os amava muito. Pois bem, estas jovens, através do grande discernimento que estão realizando para definir o que será a sua missão e para modelar as características de sua espiritualidade, descobriram que Deus as está chamando a *“descer às favelas da Guatemala (as zonas mais pobres e perigosas da cidade) e dizer aos meninos e jovens que Deus os ama muito”*. A mensagem, a missão, são as mesmas. A tradução é realizada nas mediações: em vez de ir ao campo, vão às favelas. A educação escolarizada de Marcelino adota formas mais diversificadas: escola, pastoral aberta, pastoral paroquial, inserções nos bairros.

Como missão própria, específica, a VR terá sempre que abrir novos espaços de serviço, propor novas questões, desenvolver novas funções, converter-se em pólo de contestação evangélica contra um mundo injusto e discriminador, afrontar o risco com audácia evangélica, despertar a Igreja e aportar-lhe profetismo, ainda que com isto se gerem tensões e conflitos. Desta forma surgiram, ao longo da história da Igreja, os mais variados apostolados e desta mesma forma vão aparecendo outros. Que o digam os refeitórios abertos, os centros de justiça e paz, as casas de acolhida, a atenção aos meninos de rua, os centros para mulheres em dificulda-

des, as casas para doentes de AIDS, a preocupação com a educação para recolher e atender aos analfabetos, aos que ficaram fora do sistema, à inclusão nos centros educativos de meninos e meninas com necessidades especiais, os centros para refugiados, a inserção em meios indígenas, os centros de espiritualidade, as mais variadas experiências de compartilhar missão e espiritualidade com os leigos e as leigas. E para estas dificuldades devemos formar e preparar as novas vocações. Para salvar o carisma e saber adaptá-lo aos novos tempos e desafios. Para não renunciar à utopia e à esperança cedendo ao imediato e ao pragmático.

O Pe. Victor Codina, com a graça tão especial que tem para dizer as coisas e com a capacidade de síntese que o caracteriza, descreve a VR nova que os tempos novos requerem com estes termos: *“Vejo-a jovem inserida na realidade popular. Profundamente mística, mas com a mística que descobre o Senhor nos sinais dos tempos, nos acontecimentos e, sobretudo, nos pobres. Profética com as profecias do dia a dia, bem preparada e disposta para chegar aos grandes areópagos de nosso tempo. Próxima aos leigos com os que colabora ativamente, vivendo a intercongregacionalidade com outros carismas religiosos, em perspectiva de gênero, aberta a uma nova relação homem/mulher. Formando uma comunidade evangélica que possa dizer aos jovens: Venham e vejam. Que sinta paixão pelo reino de Deus e viva com seriedade o seguimento de Cristo, sendo testemunha da misericórdia do Pai e da força vivificadora do*

*Espírito. Esta nova vida religiosa se inserirá na grande tradição dos carismas fundantes, mas os recriará ativa e profeticamente no hoje. Não é verdade que por todas as partes há indícios de que isto, o novo, já está nascendo ?*⁵.

4. Quarto odre: aportar, profeticamente, ao nosso mundo individualista e dividido, a brisa suave de uma fraternidade contagiosa (para compartilhar festivamente o vinho que antecipa o banquete do Reino definitivo).

A VR ao longo da história foi se articulando ao redor de alguns elementos nucleares que se convertem em eixos vertebradores. A vida comunitária adquire em nossos tempos um claro protagonismo e assume esse rol. No interior das congregações, o elemento comunitário é essencial para os religiosos e religiosas jovens. Sem exagerar, podemos afirmar que o futuro de muitas famílias religiosas se joga na qualidade da vida comunitária.

Que características deveria possuir uma comunidade para poder afirmar que leva em si os sinais da refundação? Como traduzir na prática das instituições reflexões, desafios que temos gravado há muito tempo em belos documentos e que nos permitam desde a comunidade optar pela vida? A preocupante e prolongada escassez de vocações não terá que ver com a imagem que os jovens e as jovens fazem de nós, tanto a nível pessoal e comunitário? Como viver, pois, uma vida comunitária que atraia e entusiasme?

A resposta a essas perguntas vai pela linha de tratar de construir umas comunidades humanizadoras que lembrem lares e onde se viva intensa e alegremente, a confiança, o espírito de família e relações interpessoais sadias. Umas comunidades que centralizem sua vida em Jesus Cristo, compartilhem a vida, se estimulem e animem espiritualmente, pratiquem o discernimento que as lance generosa e criativamente a um serviço profético. Umas comunidades que optem por estilos simples de vida, por orçamentos austeros, que se aproximem às pessoas e compartilhem suas penas e alegrias, que se abram ao mundo dos leigos e às necessidades da comunidade e se insiram na Igreja local. Umas comunidades que olhem com amor, como Jesus, o mundo que as rodeia, que sintam compaixão e misericórdia pelo que nele acontece e que renovem cada dia sua atitude eucarística de partir o pão, lavar os pés e dar a vida.

Insisto neste ponto porque vejo em mais de um religioso e religiosa, uma compreensão muito limitada da comunidade, reduzindo-a à área do comum e do privado, orientando-a muito a uma busca de um bem-estar pessoal e comunitário, mas com escasso interesse e paixão apostólicos. A comunidade não pode constituir-se como fim. Está ao serviço da missão que Deus lhe confiou, através da mediação do fundador e de seus sucessores. Não existe para servir a si mesma nem para manter estruturas e obras; existe para evangelizar, para anunciar a Boa Nova, para libertar, para

⁵ CODINA, Victor, *Vida religiosa nueva, Vidimus Dominum*, 27 de abril de 2001.

manifestar o amor e a misericórdia de Deus. A comunidade não pode confiar-se na solidão segura de uma casa, e sim, arriscar-se a situar-se nas fronteiras. Mais que oferecer-nos segurança interna, deve convidar-nos a dar a vida e dá-la em abundância. Não pode dedicar todo o seu tempo a falar de problemas internos e a resolver situações pessoais de seus membros. A missão deve ocupar o centro de suas preocupações. O marista Luis A. Casalá tem umas expressões muito claras e bonitas a respeito:

“Quando deixamos de olhar todo o bem e a vida que Deus faz passar em nós e apesar de nós, quando o bem do conjunto da Igreja deixa de preocupar-nos, quando a dor da multidão de excluídos deixa de estremecer-nos, quando mergulhar no mistério de Deus deixa de fascinar-nos, quando a guerra “nos deixa indiferentes”, então começamos a nos preocupar, e até obsecionar-nos, com as pequenas coisas, com nosso pequeno mundo; começamos a nos interessar somente e a discutir por nossos pequenos projetos e terminamos asfixiados e ficamos sem perspectiva. Nossos conflitos se tornam domésticos. Nossos inimigos começam a ser aqueles de nosso próprio grupo que não nos caem muito bem ou pensam algo diferente de nós. Tanto se reduziu nosso universo!

Quem poderá mobilizar-nos? Quem poderá curar nossas cegueiras? Quem poderá abrir nossos olhos para que pos-

samos olhar com objetividade o que sucede ao nosso redor? Quem poderá voltar a acender em nós o amor primeiro, o fogo sagrado que inspirou nossos melhores ideais e entregas? Quem poderá curar-nos do ceticismo, da indiferença e da insensibilidade? Quem poderá tomar sobre si todas nossas preocupações e devolver-nos um rosto alegre e aberto?”⁶.

5. Quinto odre: optar sinceramente pelos pobres e por uma vida pobre (para que o vinho continue a se multiplicar).

“Se as comunidades religiosas hão de existir no próximo século, terão que comprometer-se de forma clara e corporativa com as necessidades dos pobres”⁷. Isto não é novo na história da VR. Pelo contrário, recorda algo que é substancial. Segundo Jon Sobrino, ela deve situar-se principalmente na fronteira, no deserto e na periferia. Todos os projetos fundacionais tem a ver com esta opção. Jesus veio para salvar a todos, mas para que ninguém ficasse fora do projeto, optou de modo preferente pelos pobres, os pecadores, as mulheres, os enfermos; em geral, pelos marginalizados da sociedade. A VR continua fazendo viva esta predileção de Jesus. Se se afasta dela, duvida, perde credibilidade e deixa de ser atrativa e convocatória. Os pobres têm que ser sempre o critério de discernimento em sua missão. E quanto mais o seja, mais poder de convocação terá. “Um insti-

⁶ CASALA, Luis, *Hay que nacer de nuevo, Vidimus Dominum*, 7 de janeiro de 2002.

⁷ CHITTISTER, Joan, art. citado, p. 17.

tuto que não se abre às novas pobrezaas não tem direito a lamentar-se das crises de vocações" (Amadeo Censini).

E, também, neste aspecto as novas realidades exigem criatividade e novas respostas. O mais importante não é conservar as instituições que temos, e sim, manter vivo o fogo do carisma que nos fez nascer, estar presente por escolha evangélica nas situações de dor e de miséria prolongando, ali, o amor de Deus que não tem nem fronteiras nem fim.

O Ir. Álvaro Rodríguez E., Superior Geral dos Irmãos das Escolas Cristãs e Presidente da União de Superiores Gerais, afirma: *"As necessidades dos pobres são imensas, os problemas de nossos jovens cada vez mais complexos, o diálogo ecumênico e inter-religioso mais necessário. Por isso, necessitamos crescer para dar vida, para responder às novas pobrezaas e aos problemas de hoje; necessitamos compartilhar nossos carismas com nossos associados para que juntos possamos chegar mais e melhor aos que nos necessitam. Uma presença solidária nos deve estimular a uma criatividade fecunda em iniciativas próprias e na colaboração nas iniciativas alheias"*⁸.

Nosso voto de pobreza, hoje, mais do que nunca deveria traduzir-se em uma vivência radical do estilo de vida pobre de Jesus. Num caminho onde se abandona o consumismo e o supérfluo, onde se privilegia o compartilhar o que se é e o que se tem, onde se vive um processo de aproximação aos pobres. Começando nas casas de formação, onde

se procura perder a segurança e onde se cultiva um paulatino abandono na providência de Deus.

Não posso resistir a contar um caso que ouvi em Campinas (Brasil) no ano passado. Está surgindo nessa cidade uma nova família religiosa. Inspirada no carisma franciscano, o fundador – um convertido na fé – quis adaptar e traduzir com criatividade esse dom, vivendo radicalmente a pobreza, em contato direto com os mais pobres. Recolhem os mendigos que encontram nas calçadas, nas periferias, debaixo das pontes, em diversas cidades do Brasil, e os levam a viver na sua casa. No contato que tive com a recente fundação e em conversa com o fundador, três coisas me chamaram, poderosamente, a atenção: *a intensa vida espiritual de seus membros, eixo e fundamento de tudo aquilo que lá acontece* (permanentemente há pessoas em adoração diante do Santíssimo e todos os membros passam ao menos duas horas ao pés de Jesus Sacramentado); *a convivência com os mendigos*, a quem tratam realmente como irmãos: eles são recolhidos, banhados, alimentados, amparados na casa, queridos; *a aceitação de qualquer membro da comunidade*, ainda que tenham deficiências físicas: de fato, havia um cego nessa comunidade que visitei. É tal o impacto que esta nova Congregação está provocando, que, sem nenhum tipo de pastoral vocacional, há oito anos de fundação conta com mais de 80 membros.

⁸ RODRIGUEZ, Alvaro, *La vida consagrada de mañana, Vidimus Dominum*, 24 de maio de 2001.

II. Damos um fim à pastoral vocacional organizada?

Ainda que este tema será objeto de outro artigo, quero terminar dizendo alguma palavra a respeito. Por ter posto ênfase na qualidade da vida consagrada como o melhor argumento para que surjam e perseverem novas vocações, não significa que não se tenha que trabalhar diretamente numa boa pastoral vocacional. Ao contrário. Quando um grupo humano não se preocupa em perpetuar-se, quando não lhe interessa ser fecundo e ter filhos, é que ele-gueu a morte como futuro.

A pastoral vocacional é conteúdo de toda pastoral na Igreja. Deve estar presente em toda ação cristã, já que a vocação constitui o coração da vida cristã. Toda vocação eclesial e especialmente, toda vocação consagrada é, por identidade, agente de pastoral vocacional e toda evangelização, se é autêntica, é também vocacional.

A comunidade cristã (paróquia, grupos paroquiais, colégio, comunidade de base...) requer a troca de sua cultura vocacional. Geralmente, sente a vocação como um dom excepcional que Deus concede a alguns e não se sente mais

comprometida com o cultivo das vocações, delegando essa função a algumas pessoas especializadas. Sem embargo, toda pastoral vocacional deve nascer da convicção que cada crente possui de ter recebido uma vocação na Igreja e de saber que a fé só pode viver como resposta a esse chamamento gozoso que Deus lhe dirigiu. Deus nos chama a cada um por nosso nome. Todo trabalho vocacional que se faça será teórico se cada batizado/a não descobre e vive esse chamado, em uma Igreja que atua em "estado de vocação" e que experimenta alegria cada vez que convoca.

A Igreja, todos seus filhos, convocamos porque nós mesmos nos sentimos convocados a completá-la, a aperfeiçoá-la, e ampliá-la, a fazer o possível para que cada dia seja mais a Igreja de Jesus Cristo.

Neste contexto, o trabalho do animador vocacional deveria tender a fazer-se cada vez menos necessário porque todos, desde onde estamos, assumimos esse trabalho.

Endereço do autor:
Calle Dieciocho, 136 - Casilla 9501
SANTIAGO - CHILE

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

- 1- Que sentimentos despertou em você a leitura deste artigo?
- 2- Que lhe parece a idéia global do artigo? Ilumina? Questiona? Desorienta? O que traz à pastoral vocacional da sua Província ou comunidade?
- 3- Há em sua realidade algum odre que não seja suficientemente novo para conter o vinho que gera vitalidade e atrai outros para compartilhar?

O Batismo como fonte do dinamismo Missionário da Igreja

NEIVA LOBATO SAMPAIO, FMA

"Membros da Igreja por força do batismo, todos os cristãos são co-responsáveis pela atividade missionária" (Rm 77)

No dia 12 de janeiro de 2003, numa celebração solene no Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida, em Aparecida – SP, a CNBB lançou oficialmente o Ano Vocacional. Não poderia ser data mais oportuna para abrir este ano com perspectivas tão esperançosas. Era o dia da festa do Batismo de Nosso Senhor Jesus Cristo, momento no qual este iniciou sua MISSÃO PROFÉTICA e REDENTORA.

Ouve-se ecoando em todos os recantos do Brasil o Tema do Ano Vocacional: "Batismo – Fonte de todas as Vocações". É uma reflexão oportuna para sublinhar a vocação batismal comum a todos os fiéis, a de ser filhos e filhas de Deus (cf. Ef 1,5), formando a Igreja na comunhão e participação. Pela água batismal, somos mergulhados na fonte que é Cristo, inseridos no seu Corpo, para na diversidade de carismas, vocações e ministérios, servirmos à comunidade e à humanidade.

O presente artigo pretende ressaltar o fato de que todas as pessoas batizadas são chamadas para a MISSÃO de testemunhar e anunciar o Evangelho.

A vocação batismal ajuda-nos a entender melhor a íntima relação existente entre **consagração** e **missão**. A redescoberta da vocação batismal ajuda-nos a perceber que todas as pessoas batizadas são chamadas por Deus e enviadas

em missão. Assim redescobrimos também a **missionariedade da Igreja** e a consciência missionária que está na raiz de toda vocação cristã.

1. Dimensão Missionária do Batismo

Ao longo dos tempos e em consequência da cristandade, o batismo foi reduzido a um Sacramento para o ingresso no céu. Acentuou-se exageradamente o aspecto transcendente, escatológico do batismo, em detrimento das dimensões eclesial, missionária e histórica. Consequentemente, a ação pastoral se preocupava em batizar o mais rapidamente possível para "garantir a salvação", olvidando que esta salvação está intimamente vinculada ao seguimento de Jesus com todas as suas consequências. Pelo batismo, o cristão é chamado a seguir Jesus no processo das condições históricas, na missionariedade, com as possibilidades reais de perseguições por causa do anúncio do Reino.

O resgate do significado profundo do batismo, deve-se ao Concílio Vaticano II, que convocou a Igreja a voltar às fontes bíblicas, levando-nos de novo à convicção de que todos somos chamados à santidade.

Estamos nesta estrada: redescobrimo

o batismo como "Sacramento primordial"¹ que abre os horizontes da consagração, fundamenta a comum dignidade e legitima a diversidade. Trata-se de um caminho longo, certamente penoso algumas vezes, mas que temos de nos habituar a percorrer se quisermos ser fiéis ao chamado de Deus para seguir os passos de Jesus no hoje da história.

O batismo é o fundamento de todos os demais sacramentos. É o sacramento fundacional da Igreja. Por ele, os batizados passam por um processo de transformação existencial e ontológico e se inserem no corpo de Cristo, a Igreja, sendo enviados em missão².

A Dimensão Missionária do batismo está intimamente relacionada com a pregação que prepara o novo povo de Deus para a conversão e a inserção na comunidade eclesial.

Pelo batismo somos lançados na total intimidade divina, somos conduzidos ao seio do Pai (Jo 1,18), depois de nos fazer renascer da morte para a vida nova de Cristo Ressuscitado. Tornamo-nos pessoas livres, passo indispensável para realizar a vocação missionária, fermento da vida nova entre todos os povos. Em vista dessa missão, João Batista reúne o povo no deserto (Mt 3,1), e prega um batismo para a remissão dos pecados (Mc 1,5.14-15; Lc 3,13). Com esse batismo de conversão Jesus também se solidariza com a humanidade inteira (Lc 3,22), pois a conversão e a missão são oferecidas a todos (Lc 3,12-14; At 19,1-6), uma vez que este é o desígnio do Pai (Jo 3,16).

O Batismo de Jesus está fundamentado no anúncio profético dos atos, atuação simbólica, ações históricas e no estilo de vida de servo do Senhor. Desta forma, a sacramentalia, ao considerar o batismo como "sinal eficaz da graça", não pode esquecer que Jesus o instituiu num ato profético e simbólico, ao ser batizado no Jordão, mostrando-nos a proximidade do senhorio salvífico de Deus, por meio de suas ações simbólicas, significativas e eficazes – entre elas seu batismo no Jordão.

O Batismo de Jesus aponta para sua missão. No trecho escolhido pela liturgia do domingo do Batismo de Jesus (Mc 1,7-11) (cf. Mt 3,13; Lc 2,21), os evangelistas registram no início do ministério público de Jesus, um ato profético de suma importância para entender a profundidade do batismo.

Jesus é o Filho amado, no qual o Pai encontra a sua complacência (vv. 9-11). Depois de batizado, logo ao sair da água, Jesus viu o céu se abrindo; isto é, se rasgando, demonstrando dessa forma que ele é a presença de Deus que caminha conosco.

A voz que vem do céu, portanto, declara Jesus como o Filho de Deus e como o rei que vai exercer a justiça e o direito em favor dos oprimidos. "Em ti encontro a minha complacência" (Is 42,1). Aí se fala do Servo de Javé, escolhido e amado por Deus, cuja função é, pelo Espírito, "levar o direito às nações". E Pedro vai afirmar mais tarde que Jesus, logo depois de ter sido batizado, saiu por aí "fazendo

¹ CNBB, Pastoral dos Sacramentos da iniciação cristã, São Paulo, Paulus, 1980, p.9.

² GUIMARÃES, Brito Pedro – A teologia do Batismo, fonte da teologia da vocação in Vida pastoral-jan/fev 2003 p.21.

o bem e curando a todos" (At 10,38), missão que ele deixa também a todos e todas que recebem o batismo e a unção.

Jesus, difundindo e proclamando a boa nova do Reino, não o fez somente pelas palavras, mas igualmente pelos seus atos (Mt 4,23s), de forma a revelar a existência de forte unidade entre palavras e ações. Essa concretização do anúncio nas suas ações e palavras foi a oportunidade de Jesus revelar a sua identidade, autoridade e missão. Muitos dos aspectos extraordinários, significativos e eficazes dos atos proféticos ajudam na elaboração do conceito de batismo, qual ato carregado de significação profética. É neles que o batismo cristão tem a sua origem e a sua finalidade. Este relato profético, acontecido à margem do rio Jordão, revela que Jesus não começou o seu ministério público fazendo discursos ou praticando atos abstratos, mas com um ato preciso e concreto que manifesta o seu amor e a sua obediência a Deus, seu Pai, e a solidariedade para com seus irmãos pecadores. Por causa dessa sua concretude, é considerado "paradigma" ou "agenda" para as ações sacramentais da Igreja. Ele é sempre o ponto de partida para a caminhada de fé autêntica dos seus seguidores de ontem, de hoje e de sempre³. Assim, o batismo cristão tem a sua raiz no ato profético do Jordão, no qual Jesus foi batizado.

Jesus, centro de toda ação, veio pessoalmente de Nazaré e foi batizado quando todo o povo era batizado; na hora de seu batismo, o céu se abre, o Espírito desce e ouve-se a voz do Pai, proclamando-o Filho amado. Jesus sai da água e o

Espírito desce sobre ele (v. 10). A partir desse momento, o Espírito Santo será a força que leva Jesus a cumprir sua missão: "o Espírito do Senhor está sobre mim... (Lc 4,18s). E sua missão é fazer a vontade do Pai, levando vida plena a todos: "Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância" (Jo 10,10).

Jesus levou tão a sério a mensagem batismal de João que adere pessoalmente a ela, e, abandonando sua casa, começa a anunciar o Reino de Deus. É a sua MISSÃO. Ele é coerente: primeiro busca o batismo, depois pede que se faça o mesmo.

A cena do Jordão é uma síntese, expressa em imagens, do início da ação missionária de Jesus de seu caminho para a morte e ressurreição e do prorromper do Reino no mundo mediante sua autodoação⁴.

A água do Jordão, a voz do Pai, a presença do Espírito e tudo mais que compõe o ato de Jesus, evidenciam o que constitui a sua vida, para que servem as suas ações e opções e explicitam a vocação que todos recebem na pia batismal.

O batismo de Jesus não somente prenuncia ou inicia uma realidade na história, mas o torna presente e atuante, e vai, dia a dia, se concretizando na vida de cada pessoa que é batizada. Por isso, todo batizado, submerso nas águas batismais, é potencialmente um enviado a cumprir o ato de justificação com o qual foi ungido – trata-se de um vocacionado e missionário da justiça salvífica de Deus. Não há dúvida de que Jesus viveu constantemente em consonância com esse seu ato batismal. Assim foi a vida de Jesus se

³ Ibid, p 21-22.

⁴ Ibid, p 21-22.

observarmos seu comportamento e seu estilo de vida. Quando ele se refere à opção fundamental pelo Reino a ser feita pelos discípulos, explicita-se à luz do seu batismo: "Podeis beber o cálice que eu vou beber e ser batizados com o batismo que serei batizado?" (Mc 10,38). A sua vida, de agora em diante, passa a ser um "cálice amargo", a ser bebido com a sua morte. (Mt 23,48), um batismo a ser coerentemente assumido, mesmo a preço da própria vida. E é isso que faz dela um sinal personificado de sua adesão ao chamado de Deus.

2. A Missão nas primeiras comunidades

No amplo contexto do Reino de Deus, os que aderem a Jesus pela conversão são convidados à missão, dado que a todos Deus chama para o reino de sua Glória (Is 2,12). É Walter Maurício Goedert quem comenta em seu artigo Batismo e Missão⁵.

Estão próximos do Reino os que aceitam Cristo (Mt 4,17). A missão dos que querem ser discípulos é anunciar o Reino (Mt 10,7), buscar o Reino e sua justiça (Mt 6,33), conhecer os mistérios do Reino (Mt 13,11) que está dentro de cada um (Mc 17,21), produzir frutos de santidade (Mt 13,19.38) e tomar cuidado para que, tendo-o anunciado aos outros, não o venham a perder (Mt 21,43).

Toda a pregação dos Apóstolos, resumida nos Atos, constitui testemunho vivo da dimensão missionária do batismo. Os primeiros discípulos convertidos ao Senhor Jesus e em seu nome

batizados (At 2,21.38; 8,16) viviam o testemunho diário evangelizador como fermento na massa (At 2,42-46; 4,32-35) e levaram essa Boa Notícia à medida que se dispersavam (At 8,4).

Paulo, em suas cartas, não separa jamais o dever missionário da celebração do batismo e da salvação eterna. Antes, a salvação eterna decorre da vivência individual e comunitária da fé baptismal. A salvação acontece por meio da pregação – palavra – e da conversão – batismo – ambas necessárias para aderir a Jesus (Rm 10,9-10.14-19). Por isso, é preciso enviar pregadores (Rm 10,15) que reconciliem todos em Cristo (Rm 5,1-11), uma vez que, mortos em Adão, somos salvos no Senhor (Rm 5,12-19; 8,28-30; 6,1-11; 16-24) e formamos a comunidade dos salvos, como membros de um corpo (Rm 12,4-4; 1Cor 12,12-27; Ef 4,1-6).

Paulo, portanto, se entrega à obra da evangelização como exigência de sua conversão, dado que foi escolhido (At 9,15) para anunciar o Evangelho a todos, quer agrade, quer desagrade (1Tm 4,2), porque essa missão lhe é particularmente grave (1Cor 9,16).

Pedro chama os cristãos de "pedras vivas" que devem contribuir conscientemente para a edificação da "casa de Deus" (1Pd 2,4-10). O Apocalipse apresenta a grande multidão dos que lavaram as vestes no sangue do Cordeiro; isto é, os que deram testemunho de sua fé baptismal até a morte (Ap 7,14). Uma multidão de todas as nações e tribos (Ap 7,9), para o louvor de Deus e do Cordeiro (Ap 19,1-7).

⁵ Cf. Batismo e Missão Goedert, Maurício Valter in Liturgia um direito do povo, Petrópolis, Vozes, 2001 p. 87ss.

3. Assumir o nosso Batismo

Esses breves elementos do batismo de Jesus demonstram, entre outras coisas, que há um nexó indissolúvel entre o seu e o nosso batismo.

Deus não só nos chama para sermos imagem e semelhança sua, mas também para nos tornar os seus íntimos. Tornamo-nos **nova criatura**. É a vida de Deus Pai, de Deus Filho e de Deus Espírito Santo que começa a pulsar em nós⁶.

O batismo nos faz **mergulhar no coração de Cristo e no coração do mundo**. Uma vez um missionário francês, querendo explicar isso para as crianças falou assim: "somos ensopados de Cristo". Faz-nos irmãos de cada ser humano.... raça.... gênero.... cultura diferente.

Como Cristo, é ao mundo que o Pai nos destina uma vez batizados. Não temos fisionomias diversas dos outros não batizados. Mas é o Espírito Santo que em nós foi derramado, e que por dentro arde e aquece, que nos torna capazes de assumir todas as esperanças humanas. Faz-nos solidários com as vozes que clamam por justiça, com os caídos à beira do caminho e nos faz próximos de todos.

Assim como o fermento é para a massa, assim o Batismo nos habilita para servir no meio do povo tão carente de justiça, paz, amor e fraternidade. É pelo batismo que o Pai nos constitui para levarmos o direito às nações, para **anunciar** as boas notícias do Reino.

Todo cristão é, então, chamado a ser missionário, assim como toda comunidade. Cada um assumindo a tarefa que Cristo lhe confia. Precisamos entender com clareza que toda vocação é sempre para a

missão. Torna-se indispensável redescobrir a missionariedade da Igreja e criar uma mentalidade missionária. Daí a necessidade de um serviço que chamamos de **animação missionária**. Temos necessidade de um grupo para ajudar o batizado a não se fechar em si, em sua comunidade. É preciso lembrar sempre que toda realidade humana e eclesial necessita ser orientada à luz dos horizontes universais da missão confiada por Jesus à Igreja.

Animar missionariamente significa contribuir para formar uma consciência, uma mentalidade que amadurece e se afirma em compromissos concretos com a proposta transformadora de amor e de justiça para com todos os irmãos. Significa ainda assumir atitudes e posturas corajosas diante das injustiças e de tudo que ameça a vida.

Não basta termos recebido o batismo. Não são suficientes as belas celebrações. O que se requer é um compromisso com o Reino de Deus. Reino de Justiça que cria novas relações na comunidade e além dela.

O serviço de animação missionária vai fazendo com que cada comunidade e toda a comunidade seja missionária. Cada instituição é parte da concretização da Igreja, que foi fundada por Cristo a fim de evangelizar o mundo inteiro; "ela existe para evangelizar" (EN 14; RMI 61). Por isso, nenhuma crente, nenhuma instituição da Igreja pode esquivar-se deste dever supremo: "anunciar Cristo a todos os povos" (RMI 3).

Somos convocados a entender que o batismo não nos jogou numa religião e numa Igreja com o objetivo de curtir a

⁶ LORSCHIEDER, Aloísio in *Convergência*, abril, 2003, p.141.

tranquilidade de nossa salvação. Nosso batismo, como o de Jesus, nos põe em movimento. **A nossa vida é para ser gasta em direção aos outros** como foi a de Jesus que nos deixou como herança: "Ide pelo mundo inteiro..."

A fé de um cristão está sujeita a morrer, quando não vai além das portas de sua casa. "Uma Igreja fechada sobre si mesma, sem abertura missionária, é Igreja incompleta ou está doente" (João Paulo II). Nossa fé, tão rica em múltiplas formas de vivência e compromisso, precisa ser partilhada com as pessoas do mundo inteiro. Nesse trabalho de formar uma consciência missionária, devem-se abrir os horizontes dos âmbitos da missão, sem esquecer a missão universal "ad gentes", além das fronteiras da Igreja local, diocesana, ou dos "muros" do próprio instituto ou congregação.

O princípio teórico é claro e pode até ser aceito pela maioria, mas, na hora de assumir de maneira efetiva, acontecem esquecimentos e omissões.

Ouve-se falar em "Igreja pouco missionária". Esse fenômeno tem a sua raiz na perda da identidade cristã recebida no batismo. O nosso batismo vivido na perspectiva do horizonte do batismo de Jesus, leva à desinstalação e à audácia.

Para Jesus, o seu batismo foi uma manifestação de coragem e a expressão de deslocamento na direção dos mais pobres e dos excluídos. Ele quis ser o "filho de Adão" (Lc 3,38) que, após o seu batismo, volta para o local "onde fora criado" (Lc 4,16) e aí proclama solenemente que recebera a unção do Espírito

para anunciar a boa notícia aos pobres (Lc 4,18-19), chegando a provocar confusão e sofrendo ameaça de morte. Assim sendo, "os cristãos, vivendo segundo o Espírito, assumem, como Jesus, o Verbo que se fez carne, os desafios da humanidade. O centro da vida de todos os batizados é a pessoa de Jesus e sua proposta transformadora de amor e de justiça"⁷.

O projeto de Evangelização em preparação ao grande Jubileu do Ano 2000, que no Brasil se chamou "Rumo ao Novo Milênio", propunha para o ano de 1997 enfocar o Sacramento do Batismo e a pessoa de Jesus Cristo. Num encontro missionário, Dom Pedro Casaldáliga assim se expressou:

"Desejaria que todos e cada um de nós pudesse visitar, pelo menos em espírito, a própria pia batismal, mergulhar nela a nossa cabeça e redescobrir a missionariedade do próprio Batismo. Eu sou batizado? Então, devo ser Missionário. Se eu não sou Missionário, então não sou cristão!"

Não seria oportuno, neste Ano Vocacional, cada comunidade, cada pessoa realizar o desejo desse missionário bispo, "profeta do Araguaia" que tem consumido sua existência na defesa da vida e dos direitos dos menos favorecidos? Seria também uma boa ocasião para renovar as promessas batismais, refletirmos e responder aos seguintes questionamentos:

O que estamos fazendo com o nosso Batismo?

Vivemos tranquilos(as) na certeza da salvação ou inquietos como Paulo que dizia: "ai de mim se não evangelizar"?

⁷ CNBB, Batismo, fonte de todas as vocações, n 90.

4. A Urgência da Missão

O Decreto "AD GENTES" do Concílio Vaticano II sobre a atividade Missionária da Igreja afirma: "A Igreja peregrina é por natureza missionária, segundo o desígnio do Pai. Pois ela se origina da missão do Filho e da Missão do Espírito Santo" (AG 2). O Decreto Conciliar relaciona a missionariedade da Igreja à sua catolicidade. Assim, a Igreja deixa de ser católica se não for missionária.

Para desempenhar sua missão no mundo de hoje, a Igreja, a todo momento, tem o dever de **perscrutar os sinais dos tempos** e interpretá-los à luz do Evangelho, de tal modo que possa responder, de maneira adaptada a cada geração, às interrogações eternas sobre o significado da vida presente e futura e de suas relações mútuas. É **necessário**, por conseguinte, conhecer e entender o mundo no qual vivemos, suas esperanças, suas aspirações e sua índole freqüentemente dramática... (GS 4). Um mundo globalizado, fragmentado, com mudanças profundas e rápidas.

Temos muitas perguntas a fazer. Para onde vai a missão hoje? Quais os eixos norteadores da questão missionária neste início de século e milênio?

Não se trata de aprofundar estas questões neste modesto artigo. Mas não se pode deixar de acenar para a questão da globalização com suas diversas dimensões, como um dos maiores desafios para a missão nos próximos anos. Será, certamente, ao redor desta questão que o caminho missionário deverá trilhar respostas e entendimentos novos. A universalidade evangélica deveria ser melhor explicitada, como também os caminhos específicos de incultuação, do direito à diferença, do di-

álogo inter-religioso, frente à globalização homogeneadora.

Sabemos que o Espírito Santo revela as coisas de Deus em todos os lugares, sem limites de tempo e de espaço; em outras religiões, desde que assumidas com retidão de consciência, se pode alcançar a salvação. Diante deste contexto e afirmação, cabem mais perguntas inquietantes: a missão "ad gentes" é ainda necessária? O mandato missionário: *"ide por todo mundo, anunciai o Evangelho a toda criatura"* (Mc 16,15) é ainda atual, ou já passou o seu tempo? Se Deus se revela em todas as culturas e também em outras religiões, por que a Igreja precisa ainda se preocupar com a missão universal?

Os discípulos de Jesus, que recebem o mandato de ir a todo o mundo anunciar o Evangelho, percebem que o Espírito Santo vai à frente deles; de um lado, os precede e, de outro, os empurra a ir além das fronteiras do povo de Israel. Basta lembrar o episódio de Cornélio narrado no capítulo 10 de Atos dos Apóstolos.

No Evangelho de João, Cristo é apresentado como "a verdadeira luz que ilumina todo o homem" (Jo 1,9). O mesmo evangelista diz ainda que "ninguém jamais viu a Deus; o Filho único, que está no seio do Pai, é que o deu a conhecer" (Jo 1,18). A revelação de Deus, na pessoa de Cristo, alcança sua máxima expressão no mistério Pascal. Pela sua morte e ressurreição, Cristo se torna o Salvador de toda a humanidade. O início da carta aos Hebreus diz que aquele "Deus que havia falado em tantos modos, ultimamente nos fala pelo Filho" (Hb 1,1-2). Ele é, portanto, a palavra mais sábia e mais clara que Deus encontrou para falar de si mesmo.

Esses textos e tantos outros nos mos-

tram que Cristo não é apenas a revelação plena de Deus, mas também do próprio ser humano. Estes são os verdadeiros motivos pelos quais a Igreja é essencialmente missionária. Esta revelação do divino e do humano, em Cristo, é um tesouro precioso demais para ser guardado apenas por alguns e para alguns. Por isso, a Igreja, e nela cada cristão, tem o dever de anunciar a todos esta novidade e riqueza recebida de Deus, respeitando evidentemente a liberdade de cada um de acolher ou não este anúncio. A fé exige a livre adesão do ser humano, mas deve ser proposta, uma vez que os povos têm o direito de conhecer a grandeza da pessoa de Cristo, no qual toda a humanidade pode encontrar, numa plenitude sem igual, tudo aquilo que procura às apalpadelas, a respeito de Deus, do ser humano, e seu destino, da vida, da morte e da verdade. Esta missão tem uma urgência particular: depois de dois mil anos, menos de um terço da humanidade tem um certo conhecimento da pessoa de Jesus Cristo⁸.

Giorgio Paleari, de saudosa memória (+8/12/2002), costumava dizer: "a dimensão universal da missão é a pérola mais preciosa da dimensão missionária". Se não chegarmos a esta abertura sem fronteiras e além de todos os limites, nunca iremos vivenciar em sua especificidade a radicalidade missionária. Ela está enraizada no projeto de Deus que, desde a criação do mundo, se abre a todos os povos e está, fortemente, marcada pelo envio universal de Jesus: Ide pelo mundo todo...

Muitos missionários e missionárias

testemunham, ainda hoje, esta abertura universal. Deixando suas terras, suas famílias e as pessoas mais queridas, continuam a trilhar os caminhos da missão "além fronteira". Seduzidos por Deus deixam tudo para se envolver no caminho da missão com uma única certeza: a paixão pelo Reino.

Ir. Terezinha Kunen – CIC de São Paulo, escreveu em dezembro de 2002: "Foi com o coração transbordando de alegria que coloquei os pés na Terra sagrada (rai lulik, na língua nativa) do Timor Leste. "Tire as sandálias, porque o lugar onde você está pisando é um lugar sagrado". É um solo sagrado, com cultura e costumes diferentes. Pisar devagar, sem ferir... É o Ocidente se encontrando com o Oriente....Senti-me paralisada diante do sofrimento do povo. A experiência da própria fraqueza me levou a confiar mais no amor e na misericórdia de Deus, pois Ele é o protagonista da missão. Abandono e confiança me sustentaram nesta aventura missionária de dois anos e meio. Em nenhum momento encontrei o caminho fácil e pronto. Ele foi se fazendo à medida que fui me adentrando na realidade, na cultura, no coração do povo timorense...."

Ana Jacira – Missionária leiga de Natal – RN conta seus primeiros sentimentos:

"Obrigada pela oportunidade, por ter acreditado em nós e nos ter enviado para essa missão. Sinto que estou no lugar certo, no tempo certo e posso aprender e ajudar muito esse povo sofrido, paciente e resistente da ilha Timor Lorosae. Sinto saudade do Brasil, mas ela é saudável, tranqüila, sossegada... A Missão

⁸ Luiz Bolson e Girardi in Missões- abril 2003, p.20-21.

é maior!...." (23 de março de 2003).

São apenas dois testemunhos recentes entre tantos que nos alcançam.

O triste espetáculo de uma guerra que crucifica uma nação inteira, de uma humanidade dividida não nos pode deixar indiferentes. Se o mundo, casa de Deus, está em ruínas, o amor misericordioso do Criador nos interpela e nos chama a trabalhar, com determinação e garra, com a audácia dos profetas, na construção do Reino. Jesus quer ver os povos unidos, no respeito e dignidade de cada um, gozando os benefícios da salvação.

A reflexão do Magistério da Igreja e dos Teólogos destes últimos 30 anos sobre a missão, constitui, sem dúvida, um ponto de não retorno neste início de milênio. Constatamos que a "Missão renova a Igreja, revigora a sua fé e identidade, dá-lhe novo entusiasmo e novas motivações. É dando a fé que ela se fortalece" (RMi 2).

5. A Mística Missionária

Há grandes riscos, hoje, de que a dimensão missionária assuma as características de um "ardor desencarnado e ingênuo". Corremos também o risco de usar o termo missão carregado de superficialidade. O termo parece às vezes diluído. Precisa de novo ser valorizado. Precisamos entendê-lo dentro de alguns eixos norteadores. Se até agora enfocamos o batismo na dimensão do seguimento de Jesus, com todas as alegrias e riscos desta opção, não podemos esquecer que a opção evangélica pelos pobres deve sustentar profundamente o caminho da missão. **Profetismo e opção pelos pobres** são inseparáveis. Jesus pôde vislumbrar a visão do Reino, como amor misericordioso pelo Pai a partir de sua inserção efe-

tiva no meio dos excluídos. Ele mesmo se fez excluído. Jesus nem tinha lugar para apoiar sua cabeça.

Dom Franco Masserdotti, presidente do CIMI, lembrava na Assembléia do COMINA (Conselho Missionário Nacional – dezembro de 2001): "nosso Deus é o Deus da vida", é "amor – comunidade" e "se fez pessoa humana", a partir da exclusão". O sonho do Reino que fervia e queimava na vida de Jesus podia acontecer somente em sua proximidade histórica e humana com os oprimidos. É por causa disso que não se pode separar a vida real de Jesus, como concretamente a viveu na proximidade com os deserdados, com o sonho de ver eliminada qualquer discriminação e exclusão por causa do amor infinito de Deus que acolhe a todos.

A Igreja missionária no Brasil através do COMINA reafirmou seu compromisso com o **profetismo e com os pobres**. Reafirmou também que os missionários, mulheres e homens, não são uma espécie de membros qualificados da Igreja, particularmente treinados por uma elite pensante. O que, desde os primórdios da Igreja, caracteriza o(a) missionário(a) é a sua profunda paixão pelo Cristo vivo, o Cristo Pascal. São os apaixonados pelo Reino que até hoje contagiam homens e mulheres de todas as raças e culturas, afirmou Dom Erwin Krauther, bispo do Xingu e responsável pela Dimensão Missionária da CNBB.

Sem uma **mística, uma espiritualidade**, é impossível viver o compromisso batismal e missionário. Os profetas, todos eles, foram místicos e missionários ao mesmo tempo. A íntima relação afetiva e operativa com o Pai é o fundamento mais profundo da existência e da

atividade missionária de Jesus de Nazaré.

Jesus é movido pelo “Espírito de Deus” e revela-se como um homem espiritual. Pode-se constatar esta espiritualidade já na anunciação, começo de sua existência (Lc 1,35); no batismo, início de sua atividade (Lc 3,21-22); na experiência do deserto (Lc 4,1) e nos múltiplos movimentos da sua ação pastoral (Mt 12,28; Lc 4, 14; 16-18; 10,20 e 11,20).

O Espírito dá a Jesus uma paixão profunda pelo Reino, além de sabedoria, coragem, força e audácia, paciência, perseverança, liberdade....

Aos batizados e batizadas, torna-se evidente que viver segundo o espírito exige um estilo de vida centrado no seguimento de Jesus e aberto à sua missão. “Assim com o Pai me enviou, eu também envio vocês... Recebam o Espírito Santo...” (Jo 20,21-22).

O “permanecer em Cristo pelo Espírito” fundamenta a espiritualidade missionária. Afirma o Papa João Paulo II: “Tal espiritualidade exprime-se, antes de mais nada, no viver em plena docilidade ao Espírito e em deixar-se plasmar inteiramente por ele, para se tornar cada vez mais semelhante a Cristo. Não se pode testemunhar Cristo sem espelhar sua imagem, que é gravada em nós por obra e graça do Espírito. A docilidade ao Espírito permitirá acolher os dons de fortaleza e do discernimento, que são traços essenciais da espiritualidade missionária” (RMi 87).

O Papa insiste que a vocação universal à santidade está estreitamente ligada à vocação universal, à missão (RMi 90). Uma afirmação contundente. Em outros termos, para ser santo é preciso cultivar profundo espírito missionário.

Como ser missionário(a) numa sociedade globalizada, num mundo informatizado? É claro que os métodos variam mas a paixão, o ardor, o fervor que devem acompanhar e motivar o anúncio e o testemunho são imutáveis e insubstituíveis.

A esse respeito, Dom Erwin comenta com muita propriedade: “Se não existir uma profunda mística missionária que contagia e convence, nosso empenho, por mais que se oriente nas modernas técnicas de comunicação, não passará de um “marketing” religioso superficial. Estamos apenas formigando na crosta da sociedade contemporânea. O ardor missionário, fruto de uma mística, ou espiritualidade é este amor que coloca Deus no interior da vida e da história até os confins do mundo, onde os pobres clamam...”

O ardor missionário não surge por si mesmo. Só uma profunda experiência de Deus e a paixão pela causa de seu Reino podem suscitar o ardor, o “fervor do espírito” que animava Apolo (At 18,25), a vibração, o entusiasmo, a alegria e a coragem de enfrentar todo tipo de conflito, dificuldade e até perseguição. É a convicção total de Paulo revelada a Timóteo: “Eu sei em quem coloquei minha fé” (2Tm 1,12), transformada em incondicional adesão a Cristo, que o levava a exclamar: “Ai de mim se não anunciar o Evangelho” (1Cor 9,16) e a sofrer por causa do Evangelho prisões, açoites, apedrejamento, fadigas e duros trabalhos, vigílias, fome e sede, frio e desnudamento, como ele mesmo nos relata e ainda acrescenta: “e isto, sem contar o mais: a minha preocupação cotidiana, a solicitude que tenho por todas as Igrejas!” (2Cor 11,23-28).

Em novembro de 2002, em San Salvador (El Salvador) durante o 1º Encontro Americano para o CAM 2 - COMLA 7, Dom Erwin foi enfático ao afirmar:

“Não queremos outro colonialismo religioso! Missionariedade não significa tutela para com um menor, deficiente ou excepcional, por parte do maior que se considera locupletado em sua missão-fortaleza, a ponto de agora poder oferecer algo do seu supérfluo, de cima para baixo, e ainda com muito alarido e com direito de interferir na caminhada da diocese beneficiada, doravante subalterna, exigindo uma minuciosa prestação de contas, bem dentro da filosofia de “quem paga manda!”. Nada disso! Missionariedade não é protecionismo eclesiástico ou então sujeição de uma Igreja-Filha-Carente a uma Igreja-Mãe-Dominante, que assume o papel de galinha choca, que bota com seu bico os pintinhos, um por um, debaixo de suas asas. Missionariedade nunca pode nem deve gerar dependência!

Missionariedade tem a ver com gratuidade, simplicidade, entrega, doação e disponibilidade total. O missionário, a missionária, em qualquer parte do mundo onde quiser trabalhar, precisa sair não só de seu país, mas de si mesmo(a), precisa desprogramar-se, aceitar generosamente as novas circunstâncias, mergulhar na realidade cultural diferente e estar pronto para o que der e vier: Eis a serva, o servo do Senhor! Eis-me aqui Senhor! Missionariedade é isso!”

O teólogo Segundo Galilea afirma que a vida cristã se parece com um prado verde formado por nossas atividades,

ideais e projetos, ou seja, pelo nosso compromisso de vida. A mística cristã é como a água que mantém o prado úmido, sempre verde e em crescimento. Não vemos a água debaixo do prado, mas sem ela certamente tudo estaria seco.

Ao redescobrimos o batismo como fonte da missão, urge aprofundar a **espiritualidade** e descobrir que a **mística cristã** é essencialmente missionária.

6. Vida Consagrada e Consagração Batismal

De acordo com os dons recebidos no batismo, há uma única e verdadeira consagração. Então, por que falar em vida religiosa ou consagração religiosa?

A redescoberta da vocação batismal, conforme a perspectiva apresentada até agora, permite-nos perceber que as vocações específicas: (leigos(as), vida consagrada e ministério ordenado) são apenas desdobramentos do batismo, e não “novas” vocações. Ao reencontrar o significado da Teologia do batismo, aos poucos vai ficando bem mais claro que a **única** e verdadeira **consagração** é aquela que acontece no batismo. O que vem depois é apenas desdobramento, concretização, explicitação da vocação batismal. Alguns autores chamam isso de “expressão mais plena da consagração do batismo”⁹. Esta nova perspectiva deixa bem claro que não existe **distinção** entre os cristãos (At 10,34). Todos, pelo batismo, são chamados a viver a perfeição, o amor, sem nenhum tipo de limites. O que temos, desde os tempos do Novo Testamento, são formas diferenciadas de viver o seguimento de Cristo.

⁹ DE GENOVER, C.P., Teologia do Batismo e Vida Religiosa renovada, São Paulo, Loyola, 1985, pp19-40.

O Vaticano II fala da única vocação à santidade, vivida na diversidade das vocações específicas. Esclarece que “no batismo da fé”, os seguidores de Cristo, chamados por Deus e justificados em Cristo, “foram feitos verdadeiros filhos de Deus e participantes da natureza divina” (LG 40). Essa é a única e verdadeira consagração! (LG 40). “Assim todos os fiéis são convidados e obrigados a tender para a santidade e perfeição do estado próprio” (LG 42).

A partir desta ótica, a vocação baptismal acaba, de uma vez por todas, com qualquer tentativa de superioridade de alguém e de eliminação de diferenças. O batismo gera a unidade da dignidade e fomenta as legítimas diversidades.

O Concílio Vaticano II, embora não negando a motivação individual, insiste no fato de que a vida religiosa é um aprofundamento radical da comum consagração baptismal; não se situa fora ou acima da vocação cristã, mas é um caminho para realizar a comum vocação da Igreja para a santidade (razão porque os religiosos ou consagrados não podem ser considerados cristãos privilegiados).

O Concílio ajuda ainda a ligar vida religiosa consagrada à vida missionária, acentuando a idéia do ingresso dos religiosos na pastoral de conjunto, e a visão dos votos como meios radicais e generosos para liberar forças vivas inteiramente dedicadas à ação apostólica para o Reino.

A vida religiosa missionária não pode ser entendida só como instrumento ministerial de apostolado, mas sobre-

tudo pelo seu jeito de ser, pela disposição de **radicalmente** ser na Igreja testemunha do Reino e colocar o Evangelho como valor fundamental no coração da sociedade.

Exige-se para a consagração religiosa e missionária uma motivação mais profunda que finca suas raízes na experiência de Cristo¹⁰.

Para as pessoas consagradas o batismo é também a base e o fundamento, já que a vida consagrada consiste em assumir de **forma radical**, o batismo. E não só o batismo, mas também os outros sacramentos de iniciação: crisma e eucaristia¹¹.

“A vida consagrada caracterizada pela aceitação voluntária e espontânea dos conselhos evangélicos, nada mais é do que o batismo levado às suas últimas consequências. A pessoa consagrada é o pleno desabrochar da consagração baptismal: a pessoa consagrada permanece e é só de Cristo, vive mais intensa e perfeitamente o ser membro de Cristo e a intimidade com o Deus Uno e Trino” (1Cor 7,33-34).

A pessoa consagrada na linha cristã do batismo não constitui novo rumo de vida, novo estado. Está mais dentro da nova humanidade que Cristo veio inaugurar.

Se quisermos qualificar a vida religiosa poderíamos dizer que são pessoas que foram chamadas por Deus e aceitaram estar com Cristo (Mc 3,13), para ouvi-lo, contemplá-lo e segui-lo de uma maneira radical, sem limites, sem fronteiras.

Esta perspectiva nada tem de privilégio, mas traz em si uma carga bem maior de responsabilidades sobre as pesso-

¹⁰ Cf. MASSERDOTTI, Franco, *A Missão a Serviço do Reino*, São Paulo, Paulus, 1996. pp. 144-155.

¹¹ LORSCHIEDER, Aloísio, in *Convergência*, abril 2003, p 145.

as consagrações. Elas são profetas que despertam e questionam em nome de Deus a Igreja em tempos de adormecimentos de fé, de crise, de acomodação. São sacramentos da presença de Deus que constroem o Reino em momentos em que são necessárias respostas novas, iniciativas corajosas, projetos inéditos, intuições originais. Deduzimos então que a vida religiosa por si mesma tem um dinamismo missionário.

Vivendo a radicalidade do compromisso batismal a vida consagrada é chamada a ser vanguarda profética da Igreja, uma "Terapia de choque" (J. B. Metz) para a comunidade cristã. Sua identidade e eficácia não se medem por critérios puramente quantitativos, administrativos ou de mera utilidade pastoral. A vida religiosa não é simplesmente uma mão-de-obra qualificada ou barata: é profecia, força transfiguradora da realidade, permanente agulhão da soberania do Deus da vida.

O jornal "Correio Braziliense", de 12/04/2003, vem confirmar esta reflexão com o artigo "A sociedade dos profetas mortos" escrito por um médico, professor titular da UNB. O autor comenta o atual massacre do povo iraquiano e afirma que a sobrevivência das sociedades humanas resulta no protagonismo de duas lideranças diametralmente opostas: a dos Guerreiros e a dos Profetas. Os primeiros, fascinados pela destruição, os segundos obcecados pela paz. O autor apresenta alguns profetas da não violência, entre eles Martin Luther King que afirmou: "Sim, se quiserem dizer algo, digam que fui um arauto – um arauto da justiça, um arauto da paz, uma arauto do direito". Foi fuzilado em Memphis. Dr.

Dioclécio Campos Junior reconhece que a herança dos profetas tem prevalecido ao longo dos tempos. Caso contrário, a espécie humana não teria futuro. Já teriam desaparecido da face do planeta.

O grande risco da vida religiosa é perder a força profética e domesticá-la em favor de um serviço meramente utilitário, reduzir a utopia à "normalidade" (J. Sobrinho).

O sinal profético da vida consagrada é antes de tudo a vivência do seu batismo como ato profético, é viver intensamente a fé, é seguir Jesus tão de perto que Ele se torne o projeto fundamental de sua vida e o sinal de uma vida plena por Ele prometida.

CONCLUSÃO

A Igreja é por natureza missionária e toda vocação implica Missão. Somos todos chamados à missão. Cada batizado(a) é chamado(a) a responder ao mandato de Jesus: "Ide por todo o mundo.... Estarei convosco todos os dias".

O Novo Testamento não situa o batismo apenas em dimensão escatológica, mas ao contrário, o insere no contexto de missão, no tempo da Igreja, no testemunho diário, na fidelidade a Cristo. O batismo, portanto, introduz o cristão numa comunidade missionária: vivendo e testemunhando sua fé, alcançará a vida plena, quando o Senhor vier para julgar os vivos e os mortos.

O Batismo nos tira da margem, do isolamento, do fechamento sobre nós mesmos, da auto-suficiência, e inclui-nos, une-nos ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo; põe-nos em comunhão com a Trindade. Porém não basta que Deus faça tudo isso em nosso favor. É necessário que nos

demos conta disso e correspondamos devidamente. Cabe-nos aderir a ele, reconhecer-lhe o amor, iniciar um processo de conversão que nos leve a fazer, por nossa vez – de gratidão – uma doação integral de nós mesmos ao Pai, em Cristo, na força do Espírito. Doação que há de traduzir-se em missão, em vocações específicas sempre a serviço do Reino.

Quem chega a essa consciência, estará sempre se perguntando: “Senhor, o que queres que eu faça?” Como me queres em tua Igreja hoje? Que missão queres me confiar diante de tantos desafios desse mundo dividido e fragmentado? Para quem e mais intensamente devo orientar o fluxo de minha vida para ser fiel ao teu grande amor?

“A vivência do Batismo é urgente”. É urgente mergulhar fundo no Ano Vocacional e redescobrir a missionariedade de novo batismo.

Que as palavras da preciosa mensagem que João Paulo II enviou à Igreja do Brasil, saudando e abençoando o Ano Vocacional, passam ser concretizadas em

nós: “Desejo animar a todos os segmentos da Igreja a promover, com renovado ardor missionário, a Pastoral Vocacional que tem como sujeito ativo, como protagonista, a comunidade eclesial enquanto tal, nas suas diversas expressões”.

Estamos vivendo mais uma hora de graça do Senhor para nossas Igrejas Particulares, Congregações e Institutos que se empenham em viver e testemunhar a “Boa Notícia”.

Em meio a vicissitudes e anseios, angústias e esperanças, anunciamos a paixão, morte e ressurreição de Senhor, até que Ele venha. Peregrinos(as) neste mundo, estamos a caminho da Páscoa.

É preciso viver com coragem o profetismo decorrente de nosso batismo e levar a sério a MISSÃO em todos os âmbitos de nossa realidade. Só assim, poderemos acreditar que “um outro mundo é possível”.

Endereço da autora:
Caixa Postal 02067
70259-970 – Brasília – DF
E-mail: missionaria@cnbb.org.br

**QUESTÕES PARA
AJUDAR A LEITURA
INDIVIDUAL OU
O DEBATE EM
COMUNIDADE**

- 1- Como tornar mais profética nossa consagração batismal-missionária?
- 2- Estamos preocupados(as), séria e concretamente, em ter uma espiritualidade e mística missionária?
- 3- É possível afirmar que a missão “ad gentes” continua atual em nossos dias? Por quê?

Envelhecer, uma arte de bem-viver

BERNARDINO LEERS, OFM

Uma Pítia ou Esfinge da Antigüidade deve ter criado a charada: Começa de quatro, vive de duas e termina de três; o que é? Certamente, a forma original foi mais poética e enigmática, mas a resposta à pergunta foi sem dúvida: o ser humano. Como criança a engatinhar pelo chão com as mãos e os joelhos; adulto caminha ereto de duas pernas e ficando velho anda apoiado numa bengala.

Envelhecer é um fenômeno comum na existência humana terrestre, se o fio da vida não for cortado antes por desastre, doença ou guerra. A vida humana, depois do nascimento, costuma ser dividida em ciclos: infância, adolescência, maturidade e velhice ou, eventualmente, em primeira, segunda e terceira idade, como quiser. De qualquer jeito, a passagem das pessoas por esta terra é um fluxo contínuo, sem separações ou pulos e sempre na mesma seqüência de fases, embora de certos idosos se diz que viraram de novo crianças, dependentes de tudo e de todos.

A idade física ou mental de uma pessoa não muda, nem as características de cada fase, porque a palavra "velho" é trocada por "idoso". Conforme o contexto histórico cultural, novos termos são inventados ou termos usados mudam de sentido. Especialmente numa época em que o imaginário de "o velho" se transforma de um homem curvado, magro, andando com dificuldade, para um homem robusto de boa saúde, cabelo grisalho ou branco, aconte-

cem tais trocas na linguagem popular.

No quadro da civilidade ocidental também a terminologia é usada de primeira, segunda, terceira, quarta idade e, hiper-moderno, o clube dos Cem. Um humorismo curioso criou também faixas etárias, de que a primeira é formada pelos velhos, embora esses geralmente não influenciem muito a opinião pública nem o círculo do poder. A consolação de sempre é, que os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos.

1. A sugestão de Carl Rogers

O executivo todo-poderoso de uma grande multinacional chegou, certa manhã, em seu escritório, apressado, porque havia muita coisa importante a fazer. A secretária nº 1 lhe mostrou a agenda do dia. Primeiro ponto: aniversário de Dona Marilu. Misericórdia, esqueceu que sua senhora fazia anos. Mandou imediatamente comprar um carro de luxo, zerinho em folha, para entregar agora em sua casa. A secretária nº 4, mais romântica, recebe ordens de arranjar quarenta rosas vermelhas com uma mensagem bonita. Satisfeito começou seu dia. De tardinha foi jantar em casa. Esperava abraçar sua esposa brilhando de alegria. A decepção foi grande, pois mais do que um muito obrigada não saiu. Depois do jantar sem graça foi, como de costume, ao clube. Lá chorou suas mágoas com seus amigos, até que alguém observou: ó homem, você perguntou a ela, o que ela queria para seu aniversário? O resto

da história não importa.

Nos tempos atuais o envelhecimento da população mundial se tornou um problema sério para a ONU, as OMS e as atividades de ONGs (organizações não governamentais). Congressos, pesquisas e publicações já trataram abundantemente do assunto, pressionando os governos nacionais a formar políticas adequadas de saúde e bem-estar para a percentagem crescente de idosos nos seus países. No Brasil, as discussões sobre a reforma urgente da previdência social estão esquentando à procura de soluções realizáveis "politicamente corretas". A Igreja tem escolhido para tema central da Campanha da Fraternidade as pessoas idosas. Também em muitos institutos da vida consagrada, o envelhecimento dos membros se torna uma preocupação crescente que exige medidas adequadas.

Entretanto, velhos ou idosos, faz diferença? Não são categoria, gênero, conceito, faixa etária, apêndice da sociedade, terceira idade ou termos abstratos e globais semelhantes. São em primeiro lugar pessoas humanas vivas, com nome e história próprias, serviços prestados aos outros, mesmo se não estão registrados. Cada um tem suas características, virtudes e sombras, foi firmando sua vida e possui seu passado, lembrado, esquecido ou retocado no correr do tempo. Bem antes do neologismo da globalização, a antiga filosofia grega criou uma linguagem abstrata e globalizante de generalizações e essências. Mas a vida real não é um carnaval em que as máscaras são iguais e impessoais. Como o linguajar do povo simples ainda mostra, a vida são pessoas reais de carne e ossos, nome e apelido.

Anos atrás, o psicólogo Carl Rogers

lançou um novo método terapêutico de ajudar pessoas em conflito, neuróticas, problemáticas, por meio de um tipo especial de diálogo. O próprio título do livro já é revelador: *Terapia centrada no cliente*. Bem antes, Chesterton já criou a sabedoria: quem quer ensinar inglês ao John, primeiro deve conhecer o John. E o que fez a paciência genial de Paulo Freire? Quem são estas pessoas idosas na sociedade atual, na Igreja, o Povo de Deus, na vida dos institutos religiosos?

Afinal de contas, Deus não trabalha com categorias, mas pessoas concretas que caminham por esta Mãe-Terra, desde seu nascimento até sua morte. Com sua vitalidade e amor, Deus acompanha e inspira cada pessoa de sua maneira durante todo o ciclo de sua caminhada, tão importante, que também seu Filho que se tornou a pessoa humana de nome Jesus, passou pela distância inteira do tempo corrido entre Belém e o Calvário.

O Pai de todas as pessoas pode escrever reto em linhas tortas, ou torto em linhas para nós retas, sua escrita é pessoal, como é diferente a caminhada de cada peregrino. A Aliança esculpida em tábuas de pedra não vale mais. A nova Aliança, começada em Cristo Jesus, Deus a escreve no coração de cada um de seus filhos e filhas, dando a cada um seu projeto de vida e seus talentos e graças, embora todas as caminhadas convirjam para a glória de Deus pela porta da morte (cf. Jr 31,31).

Tão comum em projetos, planos e propostas normativas, o linguajar categorial ou genérico humano arrisca massificar as pessoas e uniformizar-lhes os rostos individuais, estejam elas no papel de executoras ou beneficiárias. Deus reco-

nehe a individualidade de cada sujeito em suas condições e sua rede de relações sociais, e no seu ambiente presente. Em sua comunicação contínua não se dirige a noções padronizadas ou gêneros estandardizados, mas às pessoas reais em sua subjetividade diferenciada, que fazem sua travessia por este mundo e hão de prestar conta de sua administração ao seu Criador e Senhor.

A conclusão é simples: consultem os próprios idosos para saber suas necessidades e desejos, e troquem idéias e propostas com eles antes de planejar e decidir sobre eles. Velhos não são material humano que se pode estocar como pastas num arquivo. O discurso faz deles sábios e experimentados na vida. Mas, o que interessam os livros sapienciais, se não são abertos e lidos? Experiência de vida é ambivalente, mistura do bem e do mal, de bons resultados e fracassos, que não se pode repetir sem mais nem menos, porque a situação humana muda constantemente com rapidez.

Na Doutrina Social da Igreja, democracia participativa é uma palavra linda, mas a tradição vertical do poder de decisão costuma ter uma resistência tenaz que dificulta a consulta, o diálogo e a participação. Consulta às bases, trocas de idéias e propostas de solução, transparência, pertencem ao vocabulário político comum. Possuem também seu valor nos institutos religiosos, para que as comunidades não virem "apart-hotéis" de individualistas e o protesto que resta seja apenas o silêncio. E a bonita palavra fraternidade deu na Bíblia, como primeiro e triste sinal: o irmão que mata seu irmão. Consultas e propostas que, apenas jogadas na cesta de papel do cen-

tro das decisões, sem explicação, são tempo perdido e boa vontade gasta à toa.

2. Os processos de envelhecimento

Se a passagem por esta terra não terminar antes, cada peregrino humano viverá e enfrentará seu envelhecimento de seu jeito possível. Não há envelhecimento-padrão. Tratados de saúde distinguem entre saúde corporal ou física, saúde psíquica ou mental, saúde social conforme o grau e equilíbrio da integração das pessoas na sociedade em que vivem, e saúde ambiental, dependendo das condições do contexto rural ou centro urbano movimentado e poluído. O bem-estar ou qualidade de vida conhecem muitos critérios que favorecem o desenvolvimento e o progresso das pessoas ou funcionam como obstáculos, limitações e desafios. Seja como for, cada pessoa entra no ciclo do seu envelhecimento, enfrenta e trabalha as mudanças em sua vida caminheira de maneira própria, geralmente com dependência crescente de outras pessoas e instâncias. A vantagem é que ela não é marinheiro de primeira viagem; a desvantagem, que a condição não é o pleno vigor, mas o declínio.

As ciências modernas colocam muitos recursos à disposição das pessoas que vão envelhecendo. Num país em que milhões de idosos caíram da barca do progresso da modernização, isso tudo é teoria, direito em papel e, por agora, inalcançável. Entretanto, pelo estado privilegiado da vida consagrada e pertença a um instituto da Igreja, religiosos e religiosas podem aproveitar, geralmente, dos recursos que atualmente se encontram nos centros urbanos. Na área da gerontologia trabalham médicos especializados, fisio- e psicote-

rapeutas, nutricionistas, cuidadores, enfermeiros, massagistas, cada profissional com seus métodos e tratamentos para aliviar o lado da sombra que o envelhecimento pode causar a uma pessoa. Técnicos adaptam quartos e casas de idosos às condições e limitações deles. Convênio e contratos com contribuições regulares são oferecidos por instituições médicas e hospitalares, e por bancos, para amenizar as despesas com exames, tratamentos e cirurgias.

A fim de impedir o isolamento, encher bem seu tempo e não ficar mais dependente do que é necessário, os idosos fazem bem em reajustar seus projetos de vida para frente, conforme suas deficiências crônicas e limitações psíquicas. Para evitar uma vida sedentária, a caminhada e os exercícios físicos ajudam o corpo e a mente. Noticiários na televisão e rádio, jornais e revistas mantêm vivo o contato com o mundo fora de casa e deixam os idosos um pouco a par do que está acontecendo. Com mais tempo à disposição, artigos e livros sobre religião, Bíblia, teologia e, conforme o gosto, romances e livros científicos renovam o estoque de conhecimentos e idéias. Um religioso tem um "hobby", outro gosta de escutar música ou fazer trabalhos manuais. Depende muito das pessoas, mas também da organização e distribuição dos serviços na comunidade religiosa. Pois, sentir-se ainda útil é fator importante para o equilíbrio e tranquilidade de um idoso. Poder ajudar outros ou cuidar ou colaborar em alguma coisa, animam e estimulam a satisfação e impedem o senso de abandono e solidão dos religiosos e religiosas de idade avançada.

Em paróquias ou cidades nas quais

funcionam uma pastoral de idosos ou um clube da terceira idade, a participação de religiosos "da mesma época" é útil para eles e para os outros. Muito salão paroquial está vazio à tarde. Entre idosos sempre há líderes com experiência de organização, conforme os desejos da freguesia. Os horários mais ou menos fixos. Oportunidade há para conversas sobre ontem, hoje e amanhã, para jogar baralho ou bilhar, damas ou xadrez, ouvir uma palestra ou planejar uma discussão sobre um assunto atual, ouvir música e dançar, ler jornais e revistas populares de tudo alguma coisa, organizar festas ou viagens para respirar outros ares fora do pequeno círculo de cada dia; até trabalhar para uma ou outra campanha caritativa é possível para os idosos ficarem ativos e participarem da vida da paróquia e da cidade.

O ponto nevrálgico não está simplesmente nos cuidados pelo conforto e bem-estar de seres mortais, pois a visão cristã ultrapassa a travessia por esta terra e o paredão aparente da morte. Especialmente na vida consagrada o "Creio na vida eterna" joga a atenção e os cuidados além da fase mortal da existência humana. Seria possível um religioso ou religiosa passar num hospital três semanas entre vida e morte, sem saber, sem alguém lhe avisar do risco ou falar do sacramento dos enfermos ou da comunhão, ou morreria sem aviso? Médicos têm, às vezes, dificuldade de abrir os olhos do paciente para com seu estado real ou das possibilidades de sobrevivência. Sem querer restaurar o crânio ou um "memento mori" na mesa, a pergunta surge, se não se pode esperar de um religioso mais coragem de abordar a serie-

dade da hora, em vez de esconder a verdade para o doente? Gastar para garantir todo o conforto corporal é uma coisa; responsabilidade pelo outro em sua vida e morte na fé penetra mais profundamente na realidade do ser humano.

O envelhecimento é um desafio pessoal que cada um há de enfrentar, enquanto viver no tempo de dias e noites. O próprio passado, o caráter e a experiência acumulada da vida são fatores de grande influência na formação da atividade para com a terceira ou quarta idade que vão entrando sem apelo. No processo, porém, da integração no ritmo de mudanças individuais, tanto a comunidade religiosa quanto a rede de amizades e de relações humanas, enquanto permanece, desempenha papel importante. Integrar-se numa comunidade e ser integrado nela são inseparáveis. A pessoa há de aprender a aceitar suas limitações crescentes, mas também o grupo da convivência há de assumir pacientemente a pessoa em suas deficiências, sem deixá-la entregue à sua própria sorte. Isso significa mais do que "suportai-vos uns aos outros", pois supõe uma integração mútua e consciente, que depende não só da boa vontade mútua, mas da organização, da convivência, da participação de todos, sem hegemonia de ninguém e sem o liberalismo de "laissez faire, laissez aller", ou cada um por si e Deus por todos.

3. Pensamentos mistos

O livro de "O Pensamento Positivo" foi "best-seller" e leitura "obrigatória" para uma geração inteira. A condição humana terrestre, porém, é uma medalha de dois lados, também para os religiosos. O pa-

lhaço faz rir uma multidão, mas costuma ser um homem mui sério. A alegria encontra a tristeza, o entusiasmo o desânimo, a paz a guerra, a vida a morte. O itinerário do religioso e religiosa para Deus passa por oásis e desertos, pelo calor do sol e o frio da noite. Santificar o nome de Nosso Pai, Jesus ensinou, mas igualmente lembrou a realidade humana do pecado, da tentação e do mal. Em dosagem particular, a luz e a sombra acompanham também os religiosos, desde o início da vocação até à velhice e à morte corporal.

3.1. As raízes da fé

Jesus contou uma vez a parábola: o Reino dos céus, de que religiosos e religiosas participam, é semelhante a uma semente de mostarda. É a menor semente, mas sai dela um arbusto e uma copa tão grande que os pássaros brincam nela e lá fazem seus ninhos. O que fica fora do quadro são as raízes, tão intrincadas e extensas, quanto a copa e seus ramos e folhas, mas totalmente escondidas na terra fértil de Deus.

Muitos cristãos que pertencem à vida consagrada trabalham muito, muitíssimo, durante a sua maturidade: são serviços aos outros, ao seu instituto, agenda cheia, poder de mando, responsabilidade e competência incansáveis. Mais cedo, mais tarde, envelhecendo, perdem seu lugar no mundo do trabalho pastoral e de serviço doméstico. Ficando inativa de vez, por substituição ou doença, pode acontecer que a pessoa tenha a sensação de cair num vácuo. Enquanto gastou sua energia em mil e um trabalhos, não percebeu que no clássico princípio da vida religiosa "ora et labora" (reza e trabalha), o acento foi posto no trabalho, reduzindo-se cada

vez mais a comunicação com o mistério de Deus. As palavras da teologia e catequese ficaram, mas a vibração de seu sentido íntimo foi absorvida aos poucos no buraco negro de correria e tantas preocupações.

Esta experiência trágica contém um duplo aviso na hora do envelhecimento limitar, até terminar, a multidão de serviços. A maneira de envelhecer depende muito da constância de espiritualizar sua vida religiosa de trabalho anterior. Essa constância não é apenas questão de segurar seus tempos de rezar e celebrar, mas inclui o crescimento das raízes, vivendo a "transparência" de Deus nos serviços prestados aos outros. A dedicação e o amor para com os próximos precisam se alimentar e reabastecer continuamente com a vida do Espírito de Deus, que escolhe o cristão como seu templo e centro de irradiação do bem.

Na medida em que o ritmo do trabalho é reduzido até a quase total inatividade, um outro convite de Deus se apresenta para intensificar a vivência da fé. Não resolve repetir a atitude dos apóstolos que ficaram olhando para o céu a fim de captar um último sinal de Jesus que subiu e desapareceu. A vida de anos de trabalho é sempre vivida num pequeno mundo: uma igreja e seus fiéis, salas de aula, um orfanato, uma emissora de rádio ou redação de revista; o resto é noticiário. Que o mundo humano está "grávido" de Deus, apesar de tanta sombra de miséria e violência, escapa geralmente. Que seu espírito criativo continua pairando sobre o caos que clama ao céu e necessita de amor, justiça e paz, quase não penetra no pequeno círculo de serviços de cada dia.

Na época em que o ritmo do trabalho começa a regredir, o horizonte se abre para aprofundar mais a fé vivida, de crescer na confiança, na estratégia misteriosa de Deus e de estender seu amor sobre o universo humano, cujo epicentro está na vitalidade comunicativa da Santíssima Trindade. Agora vive mais intensamente o mistério fascinante e tremendo de Deus que movimenta o universo criado, e dá graça após graça à humanidade peregrina para ganhar mais espaço e fôlego.

Na fornalha de fogo intenso, os três jovens convocaram todos os elementos da terra e do céu para louvar e agradecer ao Senhor. Mas o fogo há de operar e ganhar calor dentro da intimidade do religioso, da religiosa. Em seu "Cântico do Sol", Francisco de Assis deu glória ao altíssimo, onipotente, bom Senhor por tanta realidade bonita que está em redor e dentro da criatura humana. Os dois poemas se integram na mesma comunicação mútua entre Deus e seu Povo. Quanto mais abrangente a fé viva se torna, tanto mais as raízes do espírito missionário se estendem e alimentam a esperança e o desejo de cooperar com Cristo na libertação de todos e tudo. O campo em que o trabalhador semeou era mui pequeno.

Como a corça sedenta deseja encontrar água, assim também o ciclo do envelhecimento abre mais a sede de Deus. Sem negar o serviço que ainda pode prestar, o religioso, a religiosa alimenta mais o desejo de Deus em sua plenitude. Mas a experiência do passado não permite ilusões. Deus não está à disposição na hora e na situação em que a criatura religiosa se encontra.

O tempo da vida peregrina conhece

também dia e noite, o dia que Deus estende a mão, como Jesus fez para salvar Pedro da água, e a noite em que Ele aparentemente está ausente, porque não segue o ritmo do pensamento humano nem atende no momento que o homem quer ser atendido. Deus escreve reto em linhas tortas, diz a meia verdade popular, pois Deus sabe se esconder tão bem, que o homem se sente perdido na praça da vida.

3.2. *O sofrimento e a insegurança*

No declínio da vida, talvez o crepúsculo que lentamente vai caindo, sofrimento e dor que a medicina não resolve costumam se fazer sentir. Na caminhada pela vida, qualquer pessoa encontra muitas formas de dor e sofrimento humano, geralmente nos outros. Pela Bíblia, a pregação da Igreja, a teologia, o religioso aprende muitas palavras para explicar o sofrimento, o sacrifício, a paixão, o martírio, eventualmente para consolar o sofredor, o paciente no hospital, o coitado vítima de um desastre. Outra experiência, porém, é o religioso ou a religiosa mesma passar por uma doença grave, uma cirurgia e se sentir mal, mas mal mesmo. Envelhecimento significa para muitos a nova experiência de sofrer em si mesmo, seu corpo, sua mente acamada muito tempo, solidão, apesar das visitas e a campanha para chamar a enfermeira. No regresso da vida, a saúde costuma enfraquecer, aparecem deficiências que não têm cura e dores crônicas.

Os idosos, religiosos e religiosas, não são balões que flutuam nos ares, mas estão com dois pés no chão deste Brasil, condicionados pelo catolicismo popular desta terra, e mais ou menos in-

fluenciados pelo espírito e textos do Concílio Vaticano I. Essa história corre seus riscos. Quando jovem ("no meu tempo"), a terceira idade de agora foi vivendo e praticando um tipo de catolicismo em que o sofrimento e o fracasso eram ligados facilmente ao castigo de Deus, levando à análise do passado da vítima. Pelo rigorismo da moral proibitiva, especialmente na área do sexto e nono mandamento, medo e obsessão do pecado com suas imagens de demônios, inferno, fogo e tortura invadiram a mentalidade do povo cristão.

Reduzindo o sacramento da reconciliação à confissão dos pecados, o penitente devia incluir pecados do passado, e já perdoados pelo "poder das chaves", se a matéria atual não era suficiente. Na parábola do filho pródigo, melhor, do pai misericordioso, a confissão preparada do filho foi completamente abafada pelo abraço caloroso do pai e a festa que ele mandou organizar. Mas esta parábola não consta nos manuais da teologia moral.

O complexo da mulher de Ló, que olhava para trás, querendo saber o que estava acontecendo com sua cidade de Sodoma e suas amigas, não somente fez o cristão de ontem viver virado para o passado, mas também faz surgir problemas com o perdão em pessoas de idade. Diante da radicalidade do perdão de Deus, o cemitério humano do passado nem sempre fica bem fechado com todas as sepulturas lacradas. O passado vivo faz repetir muita coisa de ontem, da época que já passou, e pouco interessa aos presentes que já sabem, quando o idoso começa com A, qual será o Z da história. Pior é o ressentimento na construção da moral, que faz

as uvas azedas e as memórias amargas. As fofocas repetem as caricaturas de pessoas do passado. Até da própria vida passada podem surgir pecados e erros do próprio idoso que nem chega a perdoar-se a si mesmo, caindo na depressão, em vez de olhar para frente.

Sem dúvida, o passado deixa suas marcas, memórias de alegrias e traumas e feridas que talvez ainda não se tenham cicatrizado. De novo, o problema das raízes da vida consagrada volta. O que o homem medieval chamava "devotio", a dedicação a Deus vem à tona. A capacidade de perdoar e perdoar-se a si mesmo passa pela escola de Jesus. Pela meditação do Evangelho e a celebração da memória do Senhor, o idoso aprende a olhar para frente à procura de novas oportunidades de fazer o bem. Sabendo que fez pouca coisa até agora, enfrenta cada dia como novo desafio, agüenta o sofrimento e passa pela dor, pois como Jesus disse, tudo isso para entrar na glória de Deus. Que sentido tem ficar ruminando os males do passado sempre de novo? Até o cemitério é daqueles que vão ressuscitar.

3.3. A irmã, a morte corporal

Na história da espiritualidade cristã, vários livrinhos foram publicados sobre "A arte do bem morrer". Na Idade Média a vida humana era curta. O por quê está até hoje na súplica da Ladainha de todos os Santos: da peste, fome e guerra, livrai-nos Senhor. No fim daquele período, uma onda de angústia e pessimismo assombrou a cultura com esqueletos, crânios na mesa e ao pé do crucifixo, danças macabras de bispos e monjas e sepulcros dentro das igrejas e mosteiros. Sob a influência do neo-jansenismo que

penetrou profundamente na religiosidade do Brasil, a morte se tornou um horror com o moribundo puxado pelos braços com o anjo da guarda de um lado e, doutro, um diabo. A imaginação pintava o inferno aberto em vermelho de fogo e preto de fumaça, painéis com torturados e demônios monstruosos.

Embora na sociedade atual o número de mortos jovens aumenta por desastres, drogas e AIDS, são geralmente os idosos que mais se conscientizam da longa fila de cruzes pela estrada da vida passada dando-lhes um senso de solidão, porque tantos parentes, amigos e colegas já têm falecido. Assim mesmo, a cultura moderna urbana esconde a morte e o moribundo virou paciente terminal, de que técnicas médicas sofisticadas tentam ainda obstruir e prolongar o processo da morte, embora seja ela companheira da vida transitória dos peregrinos terrestres.

Assistir a morte dos outros é uma coisa. Enfrentar sua própria morte, e assumir sua aproximação para o cristão terminar sua travessia é outra coisa. Quando Francisco de Assis se sentia à morte e seu corpo, seu irmão burro, não resistiu mais ao fervor de sua alma, sua vitalidade poética chamou os irmãos e pediu para acrescentar uma estrofe ao seu "Cântico do Sol". Eles deviam cantar para o povo: Louvado sejas, meu Senhor, por nossa irmã, a morte corporal, de que homem nenhum é capaz de escapar. Ai daquele que morre em pecado mortal sem arrependimento. Bem-aventurado quem vive conforme a vossa vontade, pois a segunda morte não lhe fará mal algum.

Por Cristo ressuscitado, a morte só entregará seu mistério que parece ser vitorioso, depois da sua porta se abrir. Religi-

osos e religiosas rezam muito a Deus, falam muito de Deus, lêem muito sobre Deus e não O conhecem na realidade que Ele é. Antigamente o povo católico tinha roupa especialmente guardada "prá-ver-Deus". Numa parábola, Jesus falou de um homem que procurou por todo canto a pérola: quando a encontrou, vendeu tudo o que tinha para possuir esta preciosidade. Atrás da porta da morte, está a plenitude de Deus vivo, querendo dar a todos seus romeiros que pisam na estrada da terra a plenitude da vida de filhos seus. A travessia pela vida mortal é como a aprendizagem do noviciado. A verdadeira plenitude da vida pessoal começará na Igreja dos Santos.

4. Comunidade com quem?

Nas políticas sociais dos Estados modernos, vários tipos de providência são apresentados para dar mais conforto às pessoas idosas e garantir-lhes um bem-estar básico. Tradicionalmente, o lugar deles era a própria morada em que criaram sua família, e uma das filhas ficava para cuidar dos pais em sua velhice. Depois vieram os asilos ou casas de idosos em que moram juntos com pessoal especializado e direção responsável. Outro método é construir casas pequenas adaptada de um andar só, em que casais ou solteiros idosos vivem sua própria vida, com certo controle central que ajuda em caso de emergência. Também é possível construir uma vila, de um lado, casas para idosos e, doutro lado, casas maiores para famílias com filhos, movimentando a rua. Evidentemente, o fator que pesa é o estado de saúde dos idosos, recursos financeiros etc..

Na vida eclesial e consagrada, "comu-

nidade" é palavra chave. Há religiosos que viveram quase toda sua vida sozinhos, e terão dificuldade de se adaptar a uma comunidade já formada. Outros vivem com dois ou três numa comunidade inserida com muita movimentação dentro e fora da casa. Outros passaram anos no mesmo lugar, mas não podem ficar mais por motivo de doença ou idade e foram substituídos por outro colega. Zelotipia é um fenômeno conhecido nos manuais da psiquiatria pastoral. A idade de todos talvez seja da mesma faixa, mas o caráter, a experiência vivida e a capacidade de se adaptar a um novo grupo comunitário são individualmente diferentes, pois cada idoso tem seu passado.

Para garantir o bem-estar dos idosos, enquanto possível, o problema principal não é a casa para os idosos morarem. Casa adaptada, casa nova com quartos e instalações completas, corre-mão, sistema de alarmes em desnível, em que se pode alcançar tudo em casa na cadeira de rodas, centro urbano, periferia tranquila, zona rural, sítio, as opções são muitas. Tudo isso depende das condições do instituto religioso. Interessante é que para garantir a formação teológica e filosófica, vários institutos religiosos se encontraram e assumiram em conjunto a manutenção de uma casa central de estudos, talvez combinando até a complementação do corpo docente. Por quê não há abertura para fundar uma mesma cooperativa que garantirá o bem-estar dos religiosos e religiosas da terceira idade que precisam de mais conforto e assistência? Talvez seja possível projetar um edifício de duas alas ou pavilhões, de um lado os homens e, doutro, as mulheres.

O problema prioritário é a composição da comunidade de idosos que ocupará o espaço construído no ambiente social e natural em que consta. Um hospital para doentes tem suas próprias condições e exigências para garantir os tratamentos adequados. Evidentemente, um instituto de vida consagrada não é uma empresa que escolhe e seleciona seus empregados e despacha os que não servem ou não produzem mais. A convivência de religiosos dá segurança a todos também na velhice. Vida consagrada forma comunidades de vida fraterna que ultrapassam o tempo do trabalho funcional numa obra do instituto. Por isso, pássaros de plumagem diversa hão de integrar-se mutuamente, enquanto humanamente é possível.

Comunidade especial de idosos ou misturada com religiosos em plena atividade e jovens, é uma questão que depende muito das pessoas participantes e das circunstâncias. O ideal da fraternidade, alimentada pelo amor da amizade, a mesma espiritualidade e o mesmo regime de vida é sempre levado em vasos de barro por peregrinos em construção. Dentro do quadro das capacidades e limitações de cada um, uma comunidade mista há de criar progressivamente um sistema de comunicação aberta, de troca de idéias, de partilha de alegrias e tristezas, de participação de todos em que o espírito anti-domínio funciona como o piso anti-derrapante nas instalações. Até uma organização comum de serviços e trabalhos pastorais é possível, em vez de marginalizar os idosos à inatividade, embora o traço cultural do individualismo possa atrapalhar muito.

A convivência entre idosos e jovens

constitui problema numa época em que as mudanças rápidas culturais e materiais aumentam as distâncias e o senso de estranheza entre as duas faixas etárias. De fato, cada vez mais se vê os avós se ocupando mais da educação dos netos. Mas a sociedade atual criou, pelos meios de comunicação e propaganda comercial, toda uma cultura jovem com seu ideal de beleza, de corpo-modelo, de consumo material, de liberalização das relações entre os gêneros, de um estilo de vida-light, de que os idosos não têm memória nem reconhecem calmamente o novo estilo como um direito de viver.

Convivência de idosos e jovens pode levar a maior compreensão mútua, respeito e colaboração na vivência evangélica em comum. Mas quanto mais os idosos vivem no "seu tempo", e os jovens querem levar sua vida, tanto mais depressa se manifestará que todos têm algo bem comum, são filhos de Adão e Eva, com a covardia de Adão e a fraqueza da mãe de todos os vivos. Até dentro da convivência religiosa num mesmo instituto, "material bélico" se acumula por causa das diferenças de formação inicial e sua consolidação. A base de muitos religiosos idosos foi o catolicismo popular tradicional rigorista, disciplinado e obediente, enquanto muitos novatos têm suas raízes num movimento carismático, entusiasta e espiritualista, eventualmente em contato direto com o Sagrado, Jesus, o Espírito Santo, Nossa Senhora, sem interesse na ação política com sua justiça e direitos humanos.

Aqui, mais uma vez, prudência é a verdadeira mãe da cristaleira. Embora sempre humanamente limitada, a caridade fraterna bem compreendida fundamentará

a boa convivência. Caridade para com os idosos não quer dizer tirar-lhes tudo das mãos e fazer tudo para eles. Pois caridade é a dinâmica respeitosa que leva o outro a melhorar, realizar melhor sua própria vida, conforme suas possibilidades. Por isso, deixem o idoso fazer tudo o que ainda pode fazer para ficar se movimentando, não se acomodar e perder a autonomia que lhe resta ainda. Exercícios com um fisioterapeuta ajudam pouco os idosos, se de resto tudo lhes é feito e servido por colegas mais novos ou funcionários, ficando fechados na passividade que endurece pernas, braços e cabeça. Servir ao outro é para o bem do outro.

Muito importante é o líder da comunidade. Seu perfil não é o de um manda-chuva ou topa-tudo, mas inclui espírito democrático, comunicação aberta com todos os idosos, discrição, consultas e reuniões regulares com todos, direção espiritual, sensibilidade humana, criatividade, organizador do bom relacionamento dos idosos com os funcionários. Infelizmente, o aperto de institutos menores, várias vezes, é encontrar uma pessoa que mais ou menos corresponda a este perfil, de modo que o jeito é remar com os remos à disposição. Pois institutos religiosos não são empresas que podem atrair à vontade executivos de fora de sua firma.

5. A caminho da libertação total

A vida das pessoas é uma viagem por este mundo, com que cada um nasce, cresce, amadurece e envelhece e vai morrer sem saber quando, onde e de qual maneira. Quem viaja muito aprende a levar sempre menos bagagem. Para que duas malas cheias, se uma basta ou simplesmente

sacola, pendurada no ombro? Claro é que o ritmo de envelhecer e a maneira de integrar esta fase da vida em sua pessoa e sua caminhada são uma história que cada um escreve de seu jeito. Mas para dar um certo perfil do processo da terceira idade, generalizações são instrumentos de percepção inevitáveis.

Envelhecendo, a pessoa diminui o vigor da vitalidade encarnada; diminui a força da saúde; diminui o poder dos sentidos para perceber o que acontece; diminui a memória, que vira mais museu de antigüidades do que colecionadora de obras recentes; diminui a produtividade criativa; diminui a energia que topa tudo; diminui a capacidade de absorver a onda das novidades e de se adaptar às situações em rápida mudança.

Enquanto depende das próprias pessoas, o desafio do envelhecimento permite duas leituras e duas respostas que não combinam. Uma é o declínio, a retirada, a redução, o apagamento lento e gradativo, o enfraquecimento da vitalidade, a chegada do crepúsculo, a descida dentro de uma esfera de pessimismo e tristeza saudosa. A cor religiosa é de submissão e entrega à vontade de Deus que faz suportar o sofrimento da velhice. Na resignação, a pessoa idosa sente aproximar o fim de sua travessia. Sua vida é como o salto de um peixe voador que pula fora da água do Oceano Atlântico, faz uma grande curva e some de novo nas águas. Dentro do rio grandioso do gênero humano, em dado momento, um homem de tal nome pula para fora, faz seu vôo curto e desaparece para sempre na grande correnteza, sem deixar rasto.

A outra atitude é bem diferente: é um horizonte mais largo, mais profundo, ins-

pirado pela fé cristã e pela esperança de Deus estar esperando como o Pai do filho pródigo. Os religiosos usam muito o nome de Deus, rezam a Deus, pregam sobre Deus, apelam a Deus, dedicam-se devotamente a Deus. Na história, os peregrinos foram descobrindo o mistério deste Deus aos poucos. Na vida consagrada, os religiosos aproveitam da manifestação de Deus em Cristo Jesus, e de vinte séculos de caminhada de seu Povo, a Igreja.

Entretanto, embora suas bibliotecas estejam cheias de livros de teologia, seu conhecimento e vivência de Deus são tão limitados e enigmáticos, que o desejo de ver e viver a plena revelação da glória e do amor misericordioso de Deus total continua por agora insatisfeito e chega a passar por vales de sombra profunda. Mas o desejo fica, e na medida em que tanta coisa some, torna-se mais forte. Como a corça procura a água viva para matar sua sede... , é uma antiga sabedoria.

Três pregos servem para levar o fio da vida que passa para cima.

1. O primeiro prego é a frase preciosa de São João Batista, que Ele (Jesus) há de crescer e eu diminuir, o que tão literalmente se realizou nele por causa de um déspota cruel e uma bela dançarina. A vida dos peregrinos é como subir uma alta montanha. No início passam por pastos e matas de muitas árvores que chamam, provocam e distraem a atenção. Por cima do limite da vegetação, porém, restam só a rocha pura e pedras. Assumindo o termo "diminuição", depois de tantas ocupações e trabalhos, a vida se simplifica em contato mais livre com a rocha que é o Senhor Jesus e sua abertura para "o meu Pai e o vosso Pai". O

topo da subida é rocha pura de que sai água cristalina espontaneamente, sem Moisés ter necessidade de bater nela duas vezes. Na passagem pelo mato, o peregrino talvez se ache grande por atender a tanta gente, mas diante da rocha majestosa ele fica pequeno e encontra sua segurança apenas na pedra.

O ritmo de vida mais tranqüilo da terceira e quarta idade cria condições favoráveis para o religioso descobrir que a grandeza de Deus não cabe dentro de sua cabecinha. Na acumulação dos trabalhos um certo senso de auto-suficiência mascarava a realidade com privilégios, satisfações, homenagens, elogios e incenso, carreira, promoção. Nos detalhes, a totalidade que a fé revela e faz viver some. Quando os discípulos estavam discutindo já a ocupação dos ministérios do novo Reino, Jesus colocou no meio deles uma criança que, admirada e curiosa, não deve ter entendido muito destes homens grandes calados e sem graça e um só falando. O diminuir é a condição indispensável para penetrar na grandiosa grandeza de Deus que supõe todo o conhecimento e toda a sensibilidade dos peregrinos terrestres.

2. O segundo prego é uma frase, tantas vezes repetida na reza do Pai-Nosso: Seja feita a vossa vontade, assim na terra com no céu. Às vezes esta submissão chega à intensidade dramática com que Jesus rezou em sua agonia: Afastede mim este cálice, mas não seja feita minha vontade e, sim, a sua. Na época de mil e uma atividades a procura da vontade de Deus, e o reconhecimento do projeto de vida que Deus reserva para cada um de modo próprio não é mais confusa do que simples por causa de tan-

tas mediações humanas certas e erradas. Não é monopólio de São Pedro descobrir que o religioso ou a religiosa conhecem bem os pensamentos humanos, mas não entendem o pensamento de Deus. Em contato com a verdadeira rocha, não só a humildade se impõe na escalada, mas também a admiração grata cresce, porque é impossível compreender porque Deus se preocupa tanto com o pobre homem mortal.

3. O terceiro prego é um texto autobiográfico em que o apóstolo Paulo confessa que para ele viver é Cristo e o morrer é lucro; mas nem por isso, ele recusa continuar seu trabalho missionário, apesar de estar preso e, cidadão romano, estar ameaçado de morrer pela espada. Na perspectiva da fé em Cristo Jesus, a vida pode ser uma correria jovem ou ter o passo lento e cansativo do ancião e conhecer sua tranquilidade e tribulações, o fim da peregrinação está no cume da rocha nua. Lá o novo horizonte da vida das pessoas se abrirá e mostrará a plenitude da glória do Senhor. Deixando sua mortalidade, suas frustrações e sofrimentos para traz, o peregrino terminará sua peregrinação, passando pela morte corporal. Incorporado em Cristo pelo batismo, participará também da sua morte, mas nem este último inimigo o separará de Cristo Jesus.

Visto da parte da passagem por esta terra, a fatalidade da morte é sempre um apagar das luzes da ribalta, seja em ritmo

lento e passo a passo, seja repentinamente como um relâmpago sem trovão. Do outro lado da morte, a porta que separa as duas fases da vida humana total, estão a luz do Cristo ressuscitado e a expectativa da imortalidade que a graça da fé comunica. A morte é a irmã que é uma intermediária para o encontro face à face com o mistério, ainda não revelado, de Deus, ao qual cristãos e religiosos de ambos os gêneros dedicaram sua vida terrestre.

Já umas décadas, a palavra "libertação" sintetizou o clamor dos povos latino-americanos de mil maneiras. A bandeira passou pelo mundo todo apesar de todas as resistências e oposições. Mas, se lá se refere apenas ao acontecer histórico e demasiadamente humano deste mundo, injustamente chamado um vale de lágrimas de exilados, não faz jus à totalidade da existência humana de que cemitérios, sepulturas e crematórios fazem parte negavelmente. Vestidos da armadura de Deus, exatamente dos cristãos da vida consagrada espera-se que lutem pela libertação deles mesmos e de seus irmãos, sem esquecer que este processo na transitoriedade desta figura do mundo que passa não é total se não é completado pela vitória sobre a própria morte. A arte do bem morrer é a arte criativa e operativa do bem viver.

Endereço do autor:

Caixa Postal 16

35500-010 DIVINÓPOLIS - MG

**QUESTÕES PARA
AJUDAR A LEITURA
INDIVIDUAL OU
O DEBATE EM
COMUNIDADE**

- 1- Quais são as providências para com as pessoas idosas em seu Instituto religioso?
- 2- Como as pessoas idosas, seus parentes, amigos, conhecidos vivem seu envelhecimento?
- 3- De que maneira, você mesmo ou mesma encara seu envelhecimento pessoal?

Sociedade e Vida Religiosa: desafios do trabalho

MARIA HELENA MORRA, RSCM

Introdução

Ao pensar na relação da Vida Religiosa com a sociedade, este artigo vai centrar-se na problemática do trabalho e o desafio que este tema coloca para a formação dos(as) religiosos(as).

Pretende-se, com esta análise, tornar explícitas essas contradições e ambigüidades contidas nessa problemática, utilizando fontes documentais eclesiais e históricas. Assim indagamos: em que consiste o trabalho, no sentido cristão? A preocupação eclesial católica com as relações de trabalho nas cidades (ocorrência da Industrialização) provocou mudanças nas suas formas históricas de viver seu conteúdo evangélico? Por que a formação dos novos membros para a Vida Religiosa não tem a preocupação de formar para o mundo do trabalho? A partir destas indagações pretendemos abrir um diálogo sobre essa temática que merece várias reflexões.

Trabalho e História

"...o trabalho é o eixo da história e a expressão mais radical da pessoa humana."

(Frei Luís Maria A. Sartori, OFM)

O mundo da cultura é construído à medida que a ação do sujeito desejante

desdobra-se numa permanente busca de se tornar humano. Neste sentido, esta ação como resultado do processo humano expressa-se reconhecida na atividade da cidade – que é policêntrica. Quanto mais avança a tecnologia, mais os centros se confundem. Hoje vemos surgir novos desafios que vão sendo traçados no limiar de um novo perfil de cidade. Nesse sentido, quero abordar a dimensão do trabalho como categoria analítica da identidade do ser humano no mundo da cultura. Esta atividade apresenta duas dimensões. Um sentido positivo, labor e outro negativo, trabalho. Hannah Arendt os define nas primeiras páginas da sua obra *A Condição Humana*.¹

Labor é a atividade correspondente ao processo biológico do corpo humano, cujo crescimento, metabolismo e eventual declínio têm a ver com as necessidades vitais produzidas e introduzidas pelo labor no processo de vida. A condição humana do labor é a própria vida.

O trabalho é a atividade correspondente ao artificialismo da existência humana, existência esta não necessariamente contida no eterno ciclo vital da espécie, cuja mortalidade não é compensada por este último. O trabalho produz um mundo artificial de coisas,

¹ ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 5 ed. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 1991. 352p.

nitidamente diferente de qualquer ambiente natural.

O trabalho como categoria analítica do ser humano remonta à tese antropológica de que o sujeito como um ser humano de carência e de falta não se sente saciado pelos objetos de consumo por ele forjado, necessitando do transcendente para apaziguar seu vazio existencial.

Diante de tal situação, trabalhar para saciar o vazio da existência assume, no discurso religioso, uma forma de louvação a Deus ou de reconhecimento da imperfeição humana no **trabalho das mãos e no suor do rosto**. Fato que de uma certa forma convoca-nos a rememorar a invenção da agricultura e a domesticação de animais, que levaram o sujeito à necessidade de preparar os campos, estocar safras e protegê-las. Daí o aparecimento de novas atividades muito fatigantes ou até mesmo marcadas por perigos mortais, como as guerras². Para justificar essa atividade de faina, labuta, os homens imaginaram fazer dessa atividade uma fatalidade imposta pelas potências divinas, ou seja, uma maldição³.

Por ser uma atividade que humaniza, a dupla face por ela apresentada na lavra como manutenção do corpo, e seu desdobramento artificial, a dor, instigam-nos a procurar, no discurso religioso, a interface dessa atividade. Isso porque na Bíblia ocorre a louvação do trabalho, que

recomenda calorosamente que os/as trabalhadores/as sejam bem tratados e obriga o pagamento do trabalhador no dia da tarefa⁴. Posteriormente, a Igreja Católica volta à questão dos/as trabalhadores/as através de documentos eclesiais. Entretanto, parece haver contradições e ambigüidades no discurso religioso católico sobre o trabalho, tendo como matriz os livros sagrados e o percurso histórico das relações de trabalho e posições da Igreja frente à problemática ao longo do tempo.

No discurso bíblico, o trabalho estava circunscrito ao reino das necessidades: "quem não trabalha não come" (2Ts 3,10). Os preguiçosos, os ociosos prejudicam a sociedade e a si mesmos (Pr 13-4) e tornam-se desprezíveis, indignos de viver em comunidade (Eccl 22, 1-2). É evidente a necessidade de ter cuidado quando se evoca a memória para iluminar o presente. No que se refere aos livros sagrados, o cuidado deve ser maior. A questão do trabalho como divisão social era inexistente na Bíblia; no entanto, deparamo-nos no Segundo Templo, devido às dívidas camponesas, com três tipos de trabalhadores: experimentados, diaristas e sem terras⁵, dependentes permanentes dos proprietários de terras. O trabalho de arar a terra e criar animais parece ser, na Bíblia, a principal atividade. O trabalho é considerado uma atividade de subsistência e de vida em comunidade. Sua falta resulta num processo de interrogação da

² JACQUARD, Albert. Filosofia para não-filósofos: respostas claras e lúcidas para questões essenciais. Rio de Janeiro: Campus, 1998. p.179.

³ Ibid.,

⁴ Cf. Dicionário Enciclopédico das Religiões. V.II.Petrópolis: Vozes.p.2.539.

⁵ Ibid.,

relação do ser humano com o mundo. Torna-se necessário abrir frestas no passado para tentar compreender o processo estrutural dessa atividade.

Breve incursão no passado

Segundo Gerard Bornheim, a inferiorização do trabalho, tanto no contexto do pensamento platônico-aristotélico quanto na longa tradição hebraico-cristã, passa a ser substituída por sua crescente valorização. A ambigüidade de Lutero, que realçava o trabalho enquanto vinculado à oração, cede aos poucos o seu lugar a uma concepção que vê no labor humano um meio de desenvolvimento da personalidade. A formação filosófica inicial desta nova postura está na dialética hegeliana do mestre e do escravo. Em verdade, os caminhos sociais revelar-se-iam bem mais complicados e mesmo problemáticos, mormente a partir da implantação do proletariado⁶. A título de exemplo, para Platão o trabalho deforma mãos e alma. Para Aristóteles, o homem livre, o cidadão não trabalha; só o escravo. O burguês transforma sua relação com o trabalho. Este passa a ser visto como realização, quando antes era estigmatizado. Para Lutero, é um modo de rezar. Locke, no século XVIII, considera o trabalho força motriz; Hegel valoriza o trabalho; Marx diz que ele é em si mesmo uma força positiva.

Ao discutir as formações sociais pré-capitalistas, Eric Hobsbawm mostra, como matriz de etapas distintas da di-

visão social do trabalho, a propriedade comunal, onde as pessoas exercem atividades predatórias (caça, pesca) posteriormente criando animais e plantando. A estrutura social irá suportar não apenas chefe e demais membros com a escravidão advinda não só do aumento da população, mas também como de atividades externas como guerra e escambo. Um avanço relevante situa-se na distinção entre o trabalho artesanal, comercial e o agrícola. Este fato separará a cidade do campo⁷.

Nas sociedades antigas, a propriedade comunal passa a adquirir uma complexidade maior, quando nela se introduzem formas estatais. No início, as cidades se formam por união de grupos tribais por acordo ou conquista. Acentua-se a divisão entre pré-indústria e comércio, entre homens livres e escravos. Como exemplo, a sociedade romana, no ocidente. Todavia, esse fragmento dissolve-se em formas alternativas de divisão, como na Índia, no México, no Peru, entre eslavos, germanos e o próprio sistema feudal.

As possibilidades estão abertas à pesquisa. Essas macroestruturas não são blocos homogêneos, etapas sucessivas que obedecem a determinações cronológicas. Trata-se de considerar os homens como construções subjetivas à medida que emergem de sua condição de seres animais, de seres tribais. Mesmo em sua dimensão coletiva, há um processo de individualização que repre-

⁶ BORNHEIM, GERARD. O Sujeito e a Norma. In: Ética. Adauto Novaes (Org). São Paulo: Cia das Letras, 1992, p. 248.

⁷ Estas informações seguintes podem ser encontradas em Erick Hobsbawm, Introdução às Formações Econômicas Pré-capitalistas, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975, pp. 13-64.

sentia uma ruptura com a unidade original, ao construir sua história. É que esses cenários estruturais, quando olhados de perto, se mostram animados pela intersubjetividade de homens, mulheres, famílias e grupos culturais. Estes não deveriam perder sua face nem reduzir-se à classificação de produtores, mercantes, senhores, escravos, etc. que lhes aplicou o léxico forçosamente classificador da historiografia sociológica⁸.

A complexidade que envolve, de modo genérico, as formações históricas sob a ótica da divisão social do trabalho, nos leva a discutir o desenvolvimento feudal europeu, uma das alternativas de desagregação da propriedade comunal e estatal. Seu ponto de partida é a organização rural e não a cidade. A nobreza rural, hierarquizada pelas relações de vassalagem, estruturou seus dependentes num sistema de dominação e exploração, incluindo não escravos, mas servos. Estes eram considerados apêndices da terra. Nas cidades medievais, desenvolveu-se um sistema paralelo, onde o trabalho era privado. Mas as necessidades de defesa de interesses, competição e influência da estrutura feudal criaram formas de dominação análogas. As guildas de mestres artesãos ou comerciantes se opunham a seus aprendizes e oficiais. A separação entre os estamentos era rígida: na área rural havia príncipes, nobres, clero e camponeses; nas cidades, mestres ofi-

ciais aprendizes e, eventualmente, jornaleiros. A marca de desigualdade social fazia-se presente.

Trabalho, capital e globalização

Esta divisão do trabalho engendrará novas desigualdades sociais. Hannah Arendt afirma: a era moderna trouxe consigo a glorificação teórica do trabalho e resultou na transformação efetiva de toda a sociedade em uma sociedade operária⁹.

Entretanto, vale à pena lembrar que para o capital, cujo objetivo é o lucro, o trabalho é apenas uma condição de sua produção. Se este puder ser feito por máquinas, força motriz etc., não importa. Eis porque o capital não se apropria do trabalhador, como na servidão ou na escravidão mas sim, do trabalho.

Ao pensar na lógica do capitalismo, remetemos à idéia de cidade. A emergência do capitalismo se dá nas cidades.

A identidade do sujeito em relação ao mundo urbano constitui um dos elementos fundantes para a valorização do ser humano. Nesse sentido, as relações sociais se estruturam em torno do Mercado e passam a merecer uma maior atenção a partir dos grandes centros urbanos.

Lembramos que a separação entre cidade e campo é uma constante desde o início da civilização. O desenvolvimento do capitalismo exige uma estruturação de mercados. No entanto, a possibilidade de Mercado Mundial concretiza-se com a conquista de colônias. A

⁸ BOSI, Alfredo. O tempo e os tempos. In: Tempo e História. Adauto Novaes (org). São Paulo; Cia das Letras, 1992.

⁹ ARENDT, Hannah. A condição humana. p.12.

secularização e as mudanças no mundo urbano proporcionam fragmentações na identidade do sujeito.

Todavia, na perspectiva do neoliberalismo ocorre a irradiação naquilo que é economicamente sadio, por isso é necessário sanear a economia. As regras são daqueles que produzem uma idéia nova e que são capazes de produzir programas. Isto cria a lei do mais forte. Assim, nós somos apenas usuários. Dessa forma, ocorre a tendência de se perceber que o futuro caminha por aí. Lentamente a sociedade vai criando um ethos e se dá o direito de decidir sobre as realidades que não aparecem úteis socialmente. A sociedade contemporânea estabelece critérios: o da eficiência, da competitividade, do baixo custo e altos benefícios.

A era da globalização mostra um dos aspectos presentes na sociedade, principalmente a globalização pelas infovias – vias da informática. Ela cria uma consciência planetária e marca as individualidades. Neste sentido, há transferência de todos os conhecimentos para o mundo da informática. Quem não tiver acesso à informática está fora do mercado de trabalho. Quem não é competente cai fora. Temos que partir para uma percepção cada vez mais ampla da vida, o que implica que não se pode viver em guetos, pois cada vez mais caminhamos para uma cultura de massa.

Face à realidade atual, questões se colocam, principalmente no campo da justiça social e na concepção antropoló-

gica cultural. Humanamente, a sociedade vai mal: drogas, violência, exclusão e uma massa sobrando cada vez maior.

Face à realidade crescente no mundo do trabalho, questões se colocam. Principalmente no campo da justiça social. Por que não indagar a Igreja, a Vida Religiosa, uma vez que sempre se preocuparam com as condições do trabalho e da vida das camadas menos favorecidas?

Contribuições do Magistério da Igreja católica

“A Igreja está convencida de que o trabalho constitui uma dimensão fundamental da existência do ser humano sobre a terra”

(João Paulo II, *Laborem Exercens*, 4)

A mensagem do Papa João Paulo II para a abertura da Campanha da Fraternidade de 1999, “Fraternidade e os desempregados”, trouxe em seu conteúdo inicial as palavras das Sagradas Escrituras: “o Reino de Deus é semelhante a um pai de família que, ao romper da manhã, saiu a contratar operários para a sua vinha”¹⁰. Também rememora a Encíclica *Sollicitudo Rei Socialis*, 18: o pão é o fruto da terra e do trabalho do homem, mas o fenômeno mundial desconcertante do desemprego e do subemprego deve interpelar cada vez mais a consciência de todos os cristãos diante da angustiosa questão proposta pela campanha da Fraternidade: Sem trabalho Por quê?¹¹ A primeira convocatória, a parábola, remete à realidade existente

¹⁰ Mensagem, do Papa João Paulo II, abertura da Campanha da Fraternidade 08/12/1998.

¹¹ *Ibid.*,

de trabalhadores e patrões; a segunda, à falta de trabalho. Tanto uma quanto outra apontam de uma certa forma para a história do trabalho.

O discurso bíblico não parte do *homo laborans* – aprisionado à fatalidade das necessidades biológicas e ao caráter, a um tempo, cíclico e de resultados necessariamente fugazes da atividade destinada a atendê-las¹². Parte do *homo faber* que, por seu turno, é o homem enquanto fabricante de objetos de qualquer natureza, os quais contrastam com os resultados da atividade do homem como animal *laborans* por sua capacidade de durar e, conseqüentemente, de constituir um mundo artificial e, enquanto tal, propriamente humano¹³. No entanto, a natureza artificial dessa atividade leva-nos a pensar no caráter de submissão e abnegação do referido trabalhador bíblico demonstrando a marca penosa do trabalho: é preciso usar a coerção e a violência para que os homens sejam obrigados a trabalhar. Essa coerção é localizada no corpo, na repressão

da sexualidade e do prazer. Por isso o pecado original, a culpa máxima na Bíblia, é colocado no ato sexual... Uma vez adquirido o conhecimento, o ser humano tem que sofrer. O trabalho o escraviza¹⁴. As oferendas pertencem a Deus como a colheita e a criação do gado. A identidade do sujeito em relação ao trabalho se constitui um dos elementos fundantes para a valorização do ser humano. Neste sentido as relações sociais se estruturam em torno do trabalho. As questões sociais passam a merecer uma maior atenção “a partir da Escola de Malines. Desde Pio XI, que em 1931, publicou a *Quadragesimo Anno*, atualizando a Encíclica de Leão XIII, não houve nenhum dos Papas que se sucederam, que não privilegiasse o ensinamento cristão sobre os problemas sociais”¹⁵. Diante deste cenário, investigar a questão do trabalho no catolicismo passa necessariamente pela história do trabalho. Para melhor entendimento dessa atividade é necessário percorrer as Encíclicas *Rerum Novarum*¹⁶, *Laborem Exercens*¹⁷ e docu-

¹² REIS, Fábio Wanderley. Política e Racionalidade. Estudos Sociais e Políticos, 37. Belo Horizonte: UFMG, 1984.p.26.

¹³ Ibid..

¹⁴ MURARO, Rose Marie. Breve Introdução Histórica. In: Malleus Malleficarum. Rio de Janeiro; Rosa dos Tempos, 1991.p.10.

¹⁵ Dicionário Enciclopédico das religiões. V. II. p. 2540.

¹⁶ *Rerum Novarum*: carta encíclica do Papa Leão XIII, publicada em 15 de maio de 1891, no XIV ano do seu pontificado. O documento papal fala sobre a condição dos operários. É dividido em quatro partes, abrangendo os seguintes temas: a questão social e o socialismo; a questão social e a igreja; a questão social e o estado; a questão social e a ação conjunta de patrões e operários. Cf. Dicionário Enciclopédico das Religiões. VII. Petrópolis: Vozes. P. 2205.

¹⁷ *Laborem Exercens*: carta do Papa João Paulo II publicada em 13 de maio de 1981 sobre o trabalho. Põe em relevo o trabalho como expressão da pessoa humana, que não pode ser tratada como mercadoria, sujeita ao capital. O trabalho tem prioridade cronológica axiológica sobre o capital. Desta concepção se derivam os direitos do trabalhador, que exerce a sua atividade, qualquer que seja, para engrandecer como pessoa humana. O documento compreende 5 partes: Introdução (continuidade de *Laborem Exercens* com a doutrina das Encíclicas anteriores); o trabalho e o homem (trabalho e

mentos da Campanha da Fraternidade a respeito do assunto.

Vida Religiosa e trabalho

O trabalho faz parte da estrutura psíquica do ser humano, possibilitando-o co-criar com Deus, no mundo. O ser humano traz, dentro de si, uma potencialidade geradora de uma força motriz que deve ser explicada, também, através do compromisso com o mundo do trabalho. A nossa dignidade é tecida e consolidada, quando somos geradores(as) de um dinamismo que é partilhado, concretamente, quando assumimos, em nossa vida a dimensão do trabalho.

O trabalho está ligado ao voto de pobreza e à obediência à missão, que é pessoal e corporativa. Temos que romper com uma mentalidade de que existe uma Instituição que nos sustenta e nos torna burgueses(as).

Trabalhamos, muitas vezes, como voluntário/a e, por detrás deste voluntariado, escondemos uma falta de estrutura e de compromisso com o horário sistematizado que organiza a vida do ser humano. Às vezes, em nome da missão, levamos uma vida descomprometida com o nosso tempo, com o produzir financeiramente para a nossa auto-sustentação. Em nome da gratuidade, trabalhamos sem horário fixo, sem patrão – sem carteira assinada – na atividade que cada pessoa quer fazer e vamos ficando, cada vez mais, sem uma estrutura mínima que seja para nos sujeitar a um horário. No trabalho, o ser humano concretiza a sua auto-realização,

dignidade da pessoa); o conflito entre trabalho e capital na fase atual da história; direitos dos homens que trabalham; elementos para uma espiritualidade do trabalho. Cf. Dicionário Enciclopédico das Religiões. VII. Petrópolis: Vozes.

torna-se solidário com os pobres, que são explorados por um sistema capitalista e que, na maioria das vezes, não têm acesso ao trabalho. Trabalhar é uma exigência antropológica, é uma característica do ser humano, é uma atividade vital e criadora que nos coloca perguntas: em nossas Instituições somos formados/as para o mundo do trabalho? Vivemos do fruto do nosso trabalho? Será que não viveríamos com mais radicalidade o voto de pobreza se vivêssemos do nosso trabalho? Será que as nossas Instituições não roubam os nossos sonhos? Não nos formam para sermos autônomos/os? Será que é difícil para as Instituições formar para o mundo do trabalho, porque cria em nós uma consciência de sermos sujeitos e não indivíduos?

Que tipos de operários estariam buscando para trabalhar na messe do Senhor? Questões como esta nos abrem uma pista para compreender a situação da falta de uma atividade, cuja sintonia não se procurou antes, nem em suas razões, seja no itinerário da história do trabalho, seja no desdobramento da fragmentação da identidade. Qual a luz que essa reflexão pode nos trazer na ausência de religiosos/as no mundo do trabalho? Por que a formação dos Religiosos não se preocupa em formar para o mundo do trabalho?

Recordamos aqui o cantor **Fagner** com sua música **Guerreiro Menino**, que nos ajuda a perceber a necessidade de nos formar para o mundo do trabalho como uma resposta à estrutura psíquica

ca do ser humano, que se humaniza quando se compromete com a construção do mundo, através do trabalho.

“... É triste ver este homem guerreiro menino/ com a barra de seu tempo por sobre os seus ombros/ Eu vejo que ele berra eu vejo que ele sangra/ a dor que traz no peito, pois ama e ama. **Um homem se humilha se castram seus sonhos/ Seu sonho é sua vida e a vida é o trabalho/ e sem o seu trabalho, o homem não tem honra/ E sem a sua honra, se morre, se mata/ não dá para ser feliz, não dá para ser feliz...**”

A modo de conclusão

A missão como eixo central na Vida Religiosa pode remeter-nos à idéia de que devemos ser liberados/(as) do compromisso do trabalho remunerado para termos “mais tempo” para a Evangelização e nos descomprometermos da responsabilidade de produzir para a nossa sustentação. Para a Vida Religiosa feminina, a situação é mais grave por nos tornarmos mão de obra barata para a Igreja, trabalhando na catequese, na coordenação das pastorais, etc, mantendo sempre um vínculo de “gratuidade” em tudo o que fazemos na pastoral. A atuação nas pastorais não é considerada trabalho. Vivemos uma dicotomia

entre a pastoral e a inserção no mundo do trabalho e às vezes corremos o risco de reproduzir uma estrutura burguesa que vem confirmar o que foi acenado neste texto por Aristóteles quando ele afirmava que o homem livre, o cidadão, não trabalha; só o escravo. Nessa ótica, teríamos que ser *livres*, tendo maior tempo para a missão, que é o sentido último de quem se consagra a Deus.

Quando o filósofo Locke diz que o trabalho é a força motriz, Hegel valoriza o trabalho e Marx nos reafirma que o trabalho é em si uma força positiva, esses pensadores nos colocam uma inquietação que deve nos desafiar e nos re-situar num mundo onde o compromisso com o trabalho é uma exigência da vida e de dignidade humana. É inaceitável pensar que na Igreja e nas nossas Instituições mantemos uma mentalidade que sustenta e reforça uma estrutura burguesa. Precisamos romper com essa herança feudal.

A autora é Mestra em Teologia. Diretora do Instituto Santo Tomás de Aquino (ISTA), Professora de Teologia no ISTA e Professora da PUC-Minas, membro da Equipe de Reflexão Teológica da CRB e membro da Diretoria da SOTER

Endereço da autora.

Rua Cura D'Ars, 62 - Prado

30410-110 - Belo Horizonte - MG

E-mail: mhm@task.com.br

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA

INDIVIDUAL OU
O DEBATE EM
COMUNIDADE

- 1- Como você e sua comunidade percebem o sentido antropológico e cultural do trabalho?
- 2- Do ponto de vista do Magistério da Igreja, quais são as principais preocupações que a problemática do trabalho coloca para a sociedade moderna e pós-moderna?
- 3- Como você vê a questão do trabalho e da formação para o trabalho na Vida Religiosa?



CRB

Marcos Indicadores

IMPRESSO ESPECIAL
CONTRATO
Nº 050200140-2/2002

ECT/DR/RJ
CRB

Há uma esperança para o teu futuro!
Há setas indicando o caminho... *Jr 31, 17.21*
por isso, finca bem as estacas, desdobra a lona,
estica as cordas, amplia o espaço... *Is 54, 2*

Neste horizonte de esperança, a CRB se compromete a animar e assessorar o processo de refundação da Vida Religiosa, sinalizando o caminho através desses marcos:

1. Espiritualidade integradora como experiência de itinerância, vivida na dinâmica pascal.
2. Opção preferencial, audaciosa e atualizada, pelos empobrecidos e excluídos.
3. Comunidade, antídoto contra o individualismo, espaço de irmandade, crescimento, discipulado, solidariedade.
4. Formação para ser presença profética na realidade, comprometer-se e deixar-se evangelizar.
5. Abertura às interpelações das novas gerações em sua diversidade cultural.
6. Novas relações de gênero e etnia tecidas no respeito e valorização do diferente.
7. Intercongregacionalidade, trabalho em rede e parcerias com leigos e diversos organismos em vista da solidariedade.
8. Análise institucional a partir do carisma e em vista da pessoa e da missão.
9. Apoio a novas formas de consagração e de pertença aos carismas.
10. Dinamização e operacionalização do Projeto da CLAR "Pelo Caminho de Emaús".
11. Resposta generosa e presença inculturada na missão além-fronteira.

A nós, irmãs e irmãos de todo o Brasil, cabe a responsabilidade de transformar em vida profética e missionária o que o Espírito nos propõe neste momento. Nesta esperança, sob a proteção de Nossa Senhora Aparecida, avançamos para o futuro.

(Texto final aprovado pela XIX Assembléia Geral Ordinária da CRB, celebrada em São Paulo, de 09 a 13 de julho de 2001.)
